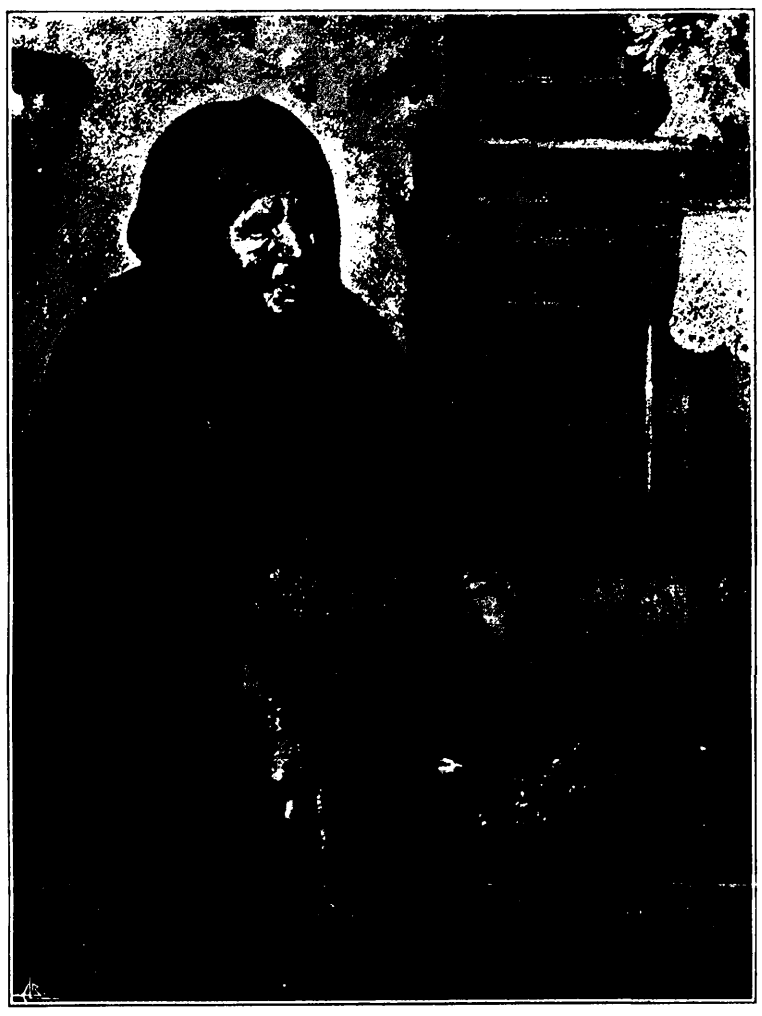
Notícias de Guimarãis

Páscoa de 1935

Os humildes — Quadro de Abel Cardoso



A meditação — Quadro de Abel Cardoso

O Folar — Quadro de Roquemont

Pastando — Quadro de Abel Cardoso

Azenhas de Júlia — Quadro de Abel Cardoso

ANO 4.º — N.º 168 ◆ O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO ◆ Número avulso 50 ctvs.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ═══ Agência em Lisboa, Praça dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone, 27136

GUIMARÃIS, 21 DE ABRIL DE 1935

Redacção e Administração: **R. da República, 45-47**—Telef. **34**—Secção de expediente e arquivos: **L. Conselheiro João Franco, 30** Composição e impressão: **Tip. Minerva** V. N. de Famalicão

Director, editor e proprietário: ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO—Administrador: PEDRO NUNES DE FREITAS

Carta... extraviada

Perdão! Não grites... E' tam feio — bem sei — profanar assim de emboscada a doce serenidade de um coração, como se, neste momento, ouvisses ranger a madeira das janelas, cortar finamente o vidro, sacudir brusco a porta, e, um ingénuo ladrão materialista — dos que roubam apenas joias e pratas —, assaltasse, de pistola erguida, a sonolência da tua alcova. Que linda ela deve ser, e como se há-de estar bem!

Mas é... Sim, é mesmo um crime — se o quiseres. Talvez mais pérfido. Não podes telefonar para a polícia, e, se acudirem aos chamos de socôrro, dirão que enlouqueceste... O funcionário do correio passou, retiniu a campainha, deu esta carta à criada — e aqui me tens. Aqui estou no teu quarto, à tua beira. Serena um pouco os nervos. ¿Um frasco de sais, ou o de perfume, do teu *perfume* — onde está? Se é a primeira, única e derradeira vez que entro aqui! E desta sorte... Até mesmo sem entrar. Confessa que tenho sido gentil sempre para comtigo — perdi o teu amor, o que vem a dizer que não desgracei a tua vida com a minha, e hoje, passados vinte, trinta anos, apareço-te sem me veres. E não em carta anónima, de voluptuosa e bárbara crueldade. Um salteador nada romântico, sem arte cineasta... Em carta assinada, pelo correio.

Afinal todos os bandidos, e digo isto para abrandar o teu despeito, ir adormecendo a tua vontade, são uns pobres diabos!

Que deserto de monotonia a vida sem êles... Nem os austeros moralistas, os pedagogos, os filósofos, os venerandos apóstolos dos bons costumes, teriam em que perder o tempo. Na crise do desemprêgo era uma questão social tremendíssima. ¿Em que ocupar tantos doutíssimos e ferozes maduros? Uns pobres diabos! Senão vê a facilidade com que podes instantâneamente destruir-me. Sem uma gota de sangue, a reles comicidade dos guardas e a impertinência massuda e enxovalhosa da austera e carregada justiça. Esta carta que tens na mão — e sou eu, todo eu — rasga-a. Deita-a ao lume, pela janela fora. Atira-a ao balde e manda-o despejar pela criada. Eis-me aniquilado, mataste-me. Nunca mais voltarei a aparecer-te, nem ouvirás falar de mim.

Espera um momento. Só um momento... Não foi nada. Vê como estou pálido, a suar frio... A morte é linda, a morte é linda! Mas eu não queria que tu me rasgasses tam depressa... o coração. Era em legítima defesa, como ao ladrão que saltasse pela janela. Quem poderia culpar-te! Nada tinha eu a perdoar, e já perdôo e beijo a mão esguia e fina, a cariciosa e branca mão de afusados, esguios dedos, essa mão que se não enroscou à minha na escravidão perversa do destino...

Hoje é dia de Páscoa. Sentia-me tam só! Na minha vida... Vê como estou desfeito, caricaturado. E tu és ainda como outrora, como quando os nossos corações se estremeceram!

Ah! que infernal tentação me não moveu a êste passo delirante! Eu daria tudo, tudo — ouviste? — para que me não visses como eu sou, para que me não soubesses torturado até ao desespêro, para que a aparência da minha felicidade se esfumasse no cair dia a dia dos teus anos, como vão caindo as fôlhas sêcas no mar morto...

Já me escutas! Na verdade, ignorava-me senhor de tam singulares virtudes histriónicas... Anda, calca-me aos pés! Vamos, manda varrer-me para o caixão do lixo? E' um esquife; por vermes — o gato e o trapeiro. Não podes. Já a tua curiosidade se desperta risonha, teus olhos se dilatam, aconchegas melhor a luz — vai ser um bom sarau de psicologia dramática. Bastou que cortasse a noite um grito uivante. ¿O que foi, o que foi? ¿Um homem assassinado, ou um poeta a entoar vesânias? Como a dor alheia nos afaga e seduz... Todo o valor da existência se nos dilata junto do catre em que estertora o moribundo. No teatro, damos palmas; se é na rua, fareja impiedosa a vizinhança. Mas ainda bem que estamos sós. Ninguém viu o teu sorriso de contentamento ao fazeres-me desgraçado!

Sós! Um em frente do outro, sem nos vermos, como no confessionário. Eu sou o pecador... não arrependido. ¿Puderia lá arrepender-me, o meu passado..., de não haver sido o teu algoz clássico? O teu marido? Mas se eu casasse contigo eras tu a infeliz e não eu. Ou éramos os dois. Vê ao que te poupei.

Pecador impenitente e não pecador submisso e contrito.

Por entre as árvores abrolhadas, eu via, além na estrada, o povo a caminho da Igreja. O sol entontecido enevoara-se de tristeza. Era uma gente rude e cabisbaixa, em passos lentos, as mulheres embrulhadas nos chales, os namorados indo a par e em silêncio, as mãos atadas hùmidamente.

E os sinos de muitas aldeias em redor, a ébrios repelões, desengonçavam-se em clamores de aleluia.

Vieram me aos olhos as lágrimas do homem que não chora. Esse instantâneo fulgor que nos alumia os anos perdidos, dez, vinte, trinta, quarenta, quási cincoenta, mais de cincoenta e nos deixa assombrado. Mas, afinal, eu não fôra nunca eu, mas sempre um ente circunstância, maleável, versátil, falso, alquilado pelos fenómenos ocorrentes como se alquila um da jorna, como se toma o animal para ir e vir, aqui emperra, acolá descai, além tropeça, depois levanta, mas nem se conhece, abafado na poeira, escorrido na lama... uma cousa. E como os doentes se agarram ao médico para que os salve — «Por amor de Deus, senhor doutor, não me deixe morrer!» — meio louco, com as mãos sôfregas que desatam os sinos em vintilâncias fulvas, eu agarrava-me e gemia — «Mas eu quero viver, que não vivi ainda! Mas eu quero viver a minha própria vida! A vida que eu sonhei, a vida que eu me tracei, a vida com que me iludi que havia de viver!» — E a meu lado, como, na França, quando a senhora Justiça entra para o último serviço na cela do condenado, eu ouvia uma voz dizer-me: — «levanta-te. São horas». O cutelo ia descer, fulminante.

A deliciosa tepidez da tua alcova. ¿De quem é aquele retrato, ali, tam perto da tua cama? Pois não o vês a fitar-me com a impertinência escarninha da mocidade? E sorri, a mostrar os dentes sólidos no arrepanhar do lábio do humorista cético, o jovial conquistador! Canta de galo, o menino. Apresenta-me, diz-lhe quem eu sou: ao menos visita de respeito, conhecimento da primavera, antigo amigo da casa. Deixa-me com a ponta de um florete picar-lhe o mamilo. Não queres ver que eu .. Entaramela-se a expressão... ¿Como dizer? Valha-me qualquer autor na moda. Valéry. Pois Valéry, referindo-se a Pai Hugo, que escrevia cem ou duzentos mil versos, pela manhã, do frio das cinco ao sol do meio dia, nota o vago, o indeterminado, o efémero, que certas palavras omnipotentes, de tam gastas nas suas tonitruências, tomavam no seu ritmo de clamor poético — o abismo, o infinito, o absoluto, os deuses. Deve ser do tépido aconchego a teu lado, que me pareceu sentir... uma alfinetada de ciúmes.

Por piedade — deixa-me repousar um pouco. Vai tam fria a noite dos meus cansados anos! Sinto-me a desmaiar de fadiga. ¿A tua mão? Como escalda a minha fronte, e lateja o sangue nas artérias! E mal posso falar, abrir os olhos. Peço-te — oh! só um momento .. — que não leves a mal inclinar-me, levemente, nem o percebes, assim, sôbre os teus ombros... E adormecer. E dormir. «Dormir, sonhar».

¿Tam tarde, ou tam cedo? Mas, que horas são? Para que me acordas? Que crueldade! Quando principiava a sonhar a teu lado, eu que tantos anos sonhei contigo — o que é diferente. Já acalmado, quietinho, sem te irritar com louco fraseado. Pois — sem dizer ao que vinha, e com tanto trabalho para o conse-

(Continua na 4.ª página).

A. F.

Páscoa da aldeia

Aninhada em bucólico recanto da Cabreira fica uma interessante povoação minhota; casas brancas de proprietários abastados; habitações modestas de trabalhadores: tugúrios humildes onde vegeta o pobre. E' ridente a aldeia, com o seu vale vicejante, que um regato, em suave murmúrio vai banhando e fertilizando em centelhas faiscantes de suas águas cristalinas a irradiação do sol doirado. Pelas campinas luxuriantes, circundadas de arvoredo frondoso, levantam-se cerejeiras floridas, semelhando virgens a caminho do templo sagrado. E a montanha altaneira, majestosa nos seus recortes, vaidosa em seus soutos verdejantes de seculares carvalhos e castanheiros e de seus pinheirais desafiando as nuvens, parece ciumenta da aldeia que esconde no seu seio.

Havia dois dias que um silêncio religioso se estendera sôbre o pequeno povoado, vivendo os seus habitantes entregues à prece fervente, implorando da divindade a clemência para os seus erros.

Não tanje no seu campanário o sino de espêsso bronze: calaram-se os chocalhos dos gados que pastam na encosta e parece que é apagado o gorgeio das avezinhas.

Passa a segunda noite: o sol eleva-se no horizonte inundando de luz brilhante a serra inteira.

Ouvem-se ao longe sons confusos de geral alegria: o bronze da pequena ermida abandona o seu mutismo, tanje em festivo tilintar: estralejam foguetes, tudo volta à vida activa que parecia extinta. Após as manifestações de dor a expressão de júbilo. Após as trevas de luto, de tristeza, a aurora de alegria.

E' a Páscoa, festa sagrada a que o bom povo dá todo o seu carinho.

Na aldeia vai grande azafama: limpam-se as casas, varrem-se as ruas, alindam-se os aposentos. Por toda a parte flores, ramagens, grinaldas, ervas aromáticas. E o dia parece pequeno para tam grande empreitada. A noite cobre com o seu negro manto a terra e o homem, que entregue a um bem merecido repouso, sonha com a festa do dia imediato.

E ainda o astro criador se oculta atrás da serra, já a aldeia se agita com delírio e excitação. Velhos e novos porfiam em se alindarem. Da arca saem as roupagens de gala; nas mesas estendem-se alvas toalhas de formosas rendas. Jovens sonhadores, de rosto enamorado, anseiam pelo momento feliz em que possam correr pela povoação, em busca das suas donzelas apetecidas, que de olhar meigo e terno, com os seus lindos seios arquejantes os aguardam impacientes.

Ao longe ouve-se o som agudo de uma campainha que se aproxima. E' a anunciadora do religioso cortejo que, conduzindo a cruz, vem visitar os habitantes. Entra em todas as casas, de joelhos, em atitude de prece, todos beijam os pés do Crucificado, emquanto o bondoso padre-cura, aspergindo a mesa coberta de flores, com o seu clássico prato de ovos, dá as boas-festas «Aleluia». O rico oferece-lhe as suas iguarias, o pobre dá-lhe o seu agradecimento. E êles lá vão, de porta em porta, colhendo ramalhetes graciosos, cobertos de pétalas de camélias, acariciados com sorrisos encantadores.

Entretanto cada um vai recolher-se à sua pousada, onde há abraços e exclamações festivas dos parentes que se juntam; onde os espera a mesa pejada de apetitosas comesainas. Para êsse dia mandara a dona da casa organizar uma ementa especial que é devorada com valentia e entusiasmo, ao passo que o verde rascante, espumando nos copos, vai mantendo em crescendo permanente a alegria da família.

E' dia grande; não há mesa onde falte o pão e o acepipe, porque o rico tem para si e não se esquece de repartir com o pobre, dando-lhe conforto, para que êle saiba que a Páscoa também é uma festa de família, festa de alegria, de contentamento, de regosijo.

A todos os seus ilustres colaboradores, prezados colegas, estimados assinantes e anunciantes, e a todos os amigos, deseja a "Notícias de Guimarãis" festas muito alegres.

ALELUIA PÁSCOA

O dia de Páscoa é um hino erguido pela Cristandade à ressurreição do Deus feito Homem e também o despertar da Natureza para a vida.

A um tempo que se exalça a divinização do Rabi de palavra de ouro, do filósofo insigne e do moralista de universal renome, o dinamismo natural das cousas impulsiona e propele a beleza a par da fecundidade da Terra, em igual comunhão, apontando à vida efémera o poderoso organicismo que regula os mundos nas suas leis imutáveis.

Os ouvidos sentem-se deleitados pela voz de maravilha, vibrantes e repletos de harmonia, ávidos daquelas mesmas palavras que de há séculos vêm reboando em éco, altamente impressionistas e benignamente sãs; a vista regala-se na contemplação demorada da alfombra das campinas, no variegado da paisagem, na grandiosidade das montanhas, nas cambiantes da côr, céu e mar, e um mundo novo depois...

Abrem-se os corações em alegria, a sensibilidade penetra fundo as almas crentes e simples, e, a sobrepôr-se ao pandemónio do Universo, o estropear da Vida, pesadona e dolorosa, remexendo-se em apertados movimentos de ansiedade, colocada no fulcro único e singular — a Morte.

.....

Depois, não mentiria se citasse Llorente a tressuar a vida amarga ou Fray Louis de Léon a impôr-nos a sua resignação de Santo, não mentiria ao apresentá-los como simbolismo da vida terrena, grandes e sonhadores, aureolando-os com aquele mesmo nimbo que imortaliza Cristo, senhores e donos do Sofrimento e da Abnegação.

— Qual dêles será maior?

— Ninguém o dirá certamente ao tomar contacto com o princípio de que «la vida ès el morir» ou ainda que Elá é o começo da morte, na qual o Homem procura salvação para não ter de *égorger* e matar o seu semelhante, pela mesma razão que o fizeram os grilos do Padre Patagónia.

Mas há mais: Molière ao escrever sôbre a *Tolerância* difunde e espalha conceitos tão belos que hemos de confessar que vão de encontro às palavras de infinita bondade que no princípio da era cristã fulgiram como ideia nova, prenhes de Amor e de Misericórdia; palavras essas que o racionalismo aceitou sem repugnância, e através das quais se adivinha um enorme desejo de colocar Deus no seu devido altar, êle que ria sarcasticamente por tudo, *en dehors* das crenças, mas sobrepujando as inteligências fixistas e rotineiras e erguendo-se como filósofo e como moralista.

Então, aventou a hipótese que as gerações não desconhecem, hipótese em que transparece a ideia do Japonês atirar-se ao Chinês, êste massacrar o Mongol que, por sua vez, supliciaria o Persa, para ao fim e ao cabo, impôr um novo credo e um novo conceito de vida, alumiando o mundo como sol benfazejo e criador, transmudando numa explosão de luz a Humanidade, integrando-a na própria essência da Terra.

E quem sabe?

.....

Aleluia!

L. Corlho.

A uma afilhada, Dora.

Almas em flor...

Rosas e perfumes que nos cercam, ao despontar nesta quadra, são o reflexo de almas, de sentimentos, formando no seu conjunto uma tela de Belesa e de Poesia! A doce e suave figura de Jesus impressiona a sensibilidade humana, a que na sua majestade de sacrifício deu vida e corpo, deu luz nas cintilações duma estrêla a coroar uma face que foi dolorosa e se transformou no seu estranho mistério a desaparecer e a subir da Terra...

A tragédia de Cristo...

Para que recordar a subida sangrenta do Calvário, a Cruz passando pelas ruas de Jerusalem, o Sofrimento, a Dor, a Paixão e a Morte?!...

Se afinal a Morte ressuscita na Vida! Cristo aparece na belesa da vida, quebrando o eterno enigma que nos tortura, procurando a sua origem, a fonte da sua energia...

Quando essa energia é eterna, para o homem bela — bela e imortal, como insondável seja a penetrante visão que se passa no âmago do nosso subconsciente...

Energia criadora, renasce dela o conjunto de sentimentos que Cristo personalisa e dá vida à Humanidade!

E' êste o significado duma Aleluia, a Páscoa florida com o sorriso do Pensamento, voando em sonhos duma fantasia divina e espiritual!

Como doutrina revolucionária, com Jesus surge o facho luminoso da Verdade, libertando a consciência universal, pois que o homem toma a consciência de si próprio e adquire a *imagem plena* da sua liberdade.

Cristo - Amor, Cristo - Sofrimento, correu igualmente a chicote os vendilhões do Templo... Ergue flamejante a espada da Justiça, e o Mártir torna-se Herói, em defesa da dignidade humana — parcela talvez da dignidade divina — abraçando o Infinito, o Espaço, que é ilimitado em sua grandeza ..

O Redentor transformou a face do mundo na sua doutrina — a mais revolucionária de todos os tempos!

*

* *

E flores e perfumes que nos cercam nesta quadra festiva, como a madrugada que desponta para a lua, como a própria noite surgindo iluminada ao encontro da *revolta humana* que quere a felicidade e que exige seja ela uma realidade!

Símbolo de aspirações sentimentais — a Páscoa é de festa, de alegria, em frente à Natureza a oferecer os seus encantos, em frente ao próprio Deus que sentimos em nossas almas, — a nossa consciência vibrando para além de si mesma, rasgando fronteiras para atingir uma *feliz Humanidade*.

Sempre a mesma ânsia de evoluir para a Perfeição, saudamos a Páscoa com o termo final da nossa peregrinação pelos ideais que nos acalentam e dão vida às nossas vidas...

Páscoa — 1935.

Ilídio Proença.

A festa das festas

Segundo diz S. Gregório Nazianzeno a festa da Páscoa *está acima das outras festas da igreja.*

A igreja despe as suas lutuosas galas e veste-se das ricas roupagens de uma indumentária garrida e cara para tomar parte na solene comemoração do facto que neste dia de Páscoa alegre se comemora, pois é um facto grandioso e as lições que êle nos apresenta são eloqüentes e sublimes.

Como já vimos no dia de Natal, Cristo veio ao mundo para a redenção da Humanidade, por isso mandava a justiça omnipotente que a Páscoa fôsse um hossana de júbilo não só para os ricos como para os indigentes.

Por isso desde o tugúrio do pobre às opulências do argentário, desde o indigente que mendiga o óbolo da caridade de porta em porta até ao remediado, todos festejam no Minho tam memorável dia com manifestações de prazer e de alegria.

O Minho é porventura a província que reveste as suas festas de tradições mais belas e de costumes mais interessantes.

A visita pascal era outrora uma das suas mais curiosas celebrações da Páscoa, cujos inícios remontam a longínqua origem. Já na Idade Média, no dia de Páscoa em que se comemorava a *Ressurreição do Senhor*, se juntava muito povo nos adros das igrejas que com pífanos, tambores, bandeiras e imagens percorria os diferentes povoados a angariar esmolas para os ovos do folar do pároco. Depois decorreram tempos e os párocos, acompanhando êsse povo, visitavam os seus paroquianos e dêles recebiam directamente a oferta da Páscoa, que consistia em alguns ovos e algumas moedas.

No Minho êste acto revestia outrora uma certa pompa. Assim nesse festivo domingo o pároco celebrava missa *pro populo* mais cedo que o costume e depois dirigia-se a casa dos seus paroquianos para visitá-los, acompanhado do sacristão, que, envergando uma opa vermelha, e cingido a tiracolo de uma toalha de linho arrendada, ostentava uma imagem do *Crucificado* reclinada no braço e lado esquerdos, toda enfeitada de fitas de seda, de variegadas côres e de cordões de ouro, seguido de mais outros dois homens, um dos quais transportavam a caldeirinha da água benta e outro a imprescindível cesta para os *folares* do senhor abade, que, de sobrepeliz e estola, caminhava também a seu lado. Tudo isto formava o que se chamava o *Compasso*.

. . . . . .

. . . . . .

O *Compasso* caminha com o seu passo grave.

As aves gorgeiam entre os francos das arvores, maviosos hinos de alegria, cheios de uma indízivel suavidade que arrebata, fascina e prende, emquanto que o Sol, dardejando seus brilhantes raios, ilumina os caminhos, atapetando-os de uma leve poalha de oiro; emfim a Natureza está em festa.

Nos casais vai ainda uma grande azáfama.

A's suas portas lançam-se braçados de alecrim e pétalas de flores campestres.

Desde manhã que os seus moradores não descansam. Todos se esmeram em ataviar seus aposentos com flores para receber, sob uns humildes tetos, a grande honra da visita do Senhor dos Senhores!!!

O sr. abade chega, empunha o hissope da água benta e esparge os seus paroquianos que de joelhos e cómovidos, reverentemente osculam os pés do Nazareno. *Aleluia! Aleluia! Surrueit filiuns Virginis Maria,* diz o pároco dando-lhes as boas festas e augurando-lhes muitas prosperidades e venturas. Que sugestivo quadro.

(*Continua na 7.ª pagina*)

PORTUGAL - ESPANHA EM FOOT-BALL

Na casa Braga & Carvalho, desta cidade, acha-se aberta a inscrição para uma excursão a Lisboa no dia 4 de Maio, com regresso no dia 6, a fim de que os desportistas vimaranenses possam assistir ao grande encontro de foot-ball Portugal-Espanha. A viagem será feita numa das luxuosas camionetes de Pereira & Leite. Há já alguns lugares tomados.

PAGAMENTO A PRESTAÇÕES

LÍRIOS

Lírios roixos têm a côr
Da tristeza que traduz
O grande manto da Dor
Do Calvário de Jesus!

Roixos foram os seus tormentos,
Roixos foram seus martírios!
De tantos padecimentos
Nasceram os roixos lírios!

Cinco são as suas chagas
Que o sangue d'amor brotaram!
São cinco feridas magas
Que em lírios desabrocharam!

* * *

Orações que a Virgem Pura
Rezou à cruz abraçada,
São os lírios da brancura
Como a hóstia consagrada!

Rugiu a terra, em arrancos,
Veio o Sol da Aleluia!
Nasceram os lírios brancos
Das orações de Maria!

Tantas as preces sentidas
Por Jesus — entre os ladrões!
Lírios roixos são feridas,
Lírios brancos orações!

Abril de 1935.

DELFIM DE GUIMARÃES.

Dia de Páscoa

O Sol brilha no infinito acariciando a terra, em festa, com seus raios doirados e luminosos!...

Pelos caminhos perfumados da aldeia, ouve-se o *tinlitar* alegre que anuncia a *visita do Senhor!*

Pelas portas dos casais há espalhadas flores e ervas perfumadas, e dentro dêles, mesas com toalhas alvíssimas onde repousam ovos e guloseimas para o sr. Abade!

Nos rostos da mocidade, com seus fatos garridos, transparece a alegria e em seus corações baila a esperança!

No ar paira um odor perfumado e festivo!...

* * *

Só a pobre Angélica — a doida, como é conhecida na aldeia — não tem alegria. Os seus olhos, dantes alegres e irrequietos, têm agora a nostalgia das tardes outonais.

Nem neste dia — dia da visita do sr. Abade — se lhe atenua a tristeza imensa que lhe vai na alma!

Tudo a penaliza e tudo a revolta.

Faz-lhe mal ver a alegria ruïdosa da mocidade porque sabe que ela é efémera e se evolui ao mais leve sôpro da desdita.

Não pode ver chorar porque julga que a ninguém assiste êsse direito.

Troça dos que se dizem tocados pelo infortúnio, porque entende que todo o existente está concentrado em si.

Acredita que perante o seu enorme Sofrimento a humanidade está liberta dêsse mal porque ela é escrava única dêle.

O mundo só poderá queixar-se depois da sua partida... Então, sim! Então a humanidade voltará a ter dôres e sofrimentos, porque ela detem-lhos; mas restituir-lhos-á quando a morte — a bem-amada — poisar sôbre ela a sua mão amiga e a levar para junto do seu anjinho que tanto amou — e ama ainda — e que um dia lhe roubaram, deixando-a ficar só, desolada, imensamente pobre, torturada de dor e de saüdade!

....

Páscoa de 1935.

J. GUALBERTO DE FREITAS.

CARTA DE LISBOA

O petróleo custava nesta cidade, no dia onze, $45 e $50 o litro; esta mesma medida do mesmíssimo líquido vendia-se, no dia doze, ao preço de 1$20. Quer dizer: — em menos de 24 horas um aumento de mais de 100 por cento. Como se compreende, a surpreza foi *agradabilíssima* para as pessoas que não podem dispensar o utilissimo óleo, que viram, assim, num tempo que pode classificar-se de *récord*, aumentados com êste benefício os seus já pesadíssimos e incomportáveis encargos.

A razão de tam subitâneo acréscimo está em que, segundo os dizeres de um interessado no negócio entrevistado pelo *Diário de Lisboa*, os senhores da gasolina e os do petróleo, até há dias em guerra aberta, resolveram firmar pazes, com honra para eles e evidente prejuízo para os que hão-de aguentar as conseqüências. E' claro que, para a harmonia ser perfeita, a gasolina saltitou também seu pedaço, passando de 2$20 a 2$80...

Quem, como nós, não anda no segrêdo destas altas matemáticas cujas operações têm reflexo esmagador na vida da maior parte dos portugueses, fica atónito ao constatar que um género de primeira necessidade trepa tão vertiginosamente antes de decorrido por completo um dia.

Ainda se fôsse só o petróleo...

— Embora a aridez do assunto possa aziumar-lhes o almocinho pascal, permitir-me-ei fazer algumas ligeiras considerações sôbre o actual custo da vida, — considerações que não serão mais do que a breve e insuficiente exposição de factos geralmente conhecidos e, até, oficialmente constatados.

* * *

Há muitos dias que se lêem nos jornais, tanto nos de grande como nos de reduzida circulação, artigos, sueltos, simples notícias, subordinados ao título *Carestia da vida*, — enfermismo delicioso com que hoje em dia se mascara aquilo a que deveria, decididamente chamar-se *questão da fome.*

As gazetas que se consideravam *órgãos da opinião pública,* e que são insuspeitas de vermelhuscas intenções — o *Século* e o *Diário de Notícias*, por exemplo, têm sido férteis ùltimamente na publicação das notícias em que os seus correspondentes dão conta da miseranda situação dos trabalhadores perante o aumento crescente dos preços dos géneros indispensáveis à vida, preços a que não podem fazer face por causa da mesquinhez do salário, nuns casos, e, noutros, por causa da falta de trabalho, agora agravada, em certas regiões, pela calamidade das recentes geadas. Tais notícias provêm de todos os pontos do país, sem excluir a parte continental.

Devemos advertir que na designação *trabalhadores* incluímos — nem podíamos deixar de o fazer — a chamada *classe média*, hoje, de facto, se não de todo, pelo menos quási inteiramente proletarizada, com a agravante de as suas amarguras revestirem, em várias circunstâncias, aspectos inexcedìvelmente dolorosos, porque, no geral, por virtude de razões cuja enumeração levaria longe, ela não grita as suas desditas, nem tem ao seu alcance, ou não os sabe usar, meios eficientes para se valer e para, conseqüentemente, se fazer temer, sucedendo, por isso, que sofre e cala, e que, quando não cala, apenas murmura... A tragédia quotidiana da vida da maior parte dos funcionários, dos empregados de comércio e indústria, dos pequenos negociantes e lavradores, da grande maioria dos que exercem profissões liberais, etc., etc., é qualquer coisa que provoca piedosa meditação a quem não tenha a fortuna de só conhecer comodidades e a quem não seja estruturalmente burguês, — sinónimo, dos tempos presentes, de egoísta.

(*Continua na 7.ª pagina*)

EXCURSÃO A FÁTIMA

Na casa Braga & Carvalho, acha-se aberta a inscrição até 27 lugares, para uma viagem a Fátima, no dia 12 de Maio, com regresso em 14

◆

Preço e condições: — aquela casa informa

O MELHOR CAFÉ É O DA BRASILEIRA

Teles & Companhia, Limitada
75, RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 91
PORTO

Francisco Joaquim Freitas & Genro
PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES
GUIMARÃIS

As amêndoas de Marianita

Miudinha, frágil, de olhos azues imensos e melancólicos, e a loira cabeleira em caracóis desgrenhados, tinha, mesmo no meio dos seus trapinhos rotos, uma graça angelical que comovia.

Quem, porém, se não prendia com estas sentimentalidades era a tia Ana fruteira, uma mulherona gorda, trigueiraça, de negras sobrancelhas cerradas e farto buço, que tinha, pela certa, também cabelos no coração. Uma sua amiga ao morrer confiara-lhe a filha, e a pobre criança lá ia vivendo carregada de trabalho, apesar dos seus sete anos escassos sustentados a pão negro e a maus tratos.

Chegara a quaresma. Num domingo de sol, em que Marianita se aquecia sentada na soleira da porta onde a tia Ana fazia o seu negócio, ouviu falar a umas vizinhas em muitas cousas que ignorava e entre elas nas amêndoas da Páscoa. Ficou pensativa, e à hora em que a tia Ana lhe entregava — antes de se deitar — a triste malga de caldo, desabridamente, ousou falar-lhe nessas amêndoas que decerto haviam de ser doces muito bons e que na Páscoa — segundo diziam as vizinhas — se costumavam a oferecer.

Furibunda a tia Ana respondeu: também querias amêndoas, grande gulosa? Deixa que as tuas eu tas darei, mandriona. Corrida não ousou murmurar. Os dias passavam-se e a Páscoa — êsse símbolo bemdito de Redenção e Amor — vinha chegando. A' Marianita é que nunca mais tinha saído do pensamento a conversa das vizinhas, mas como não tinha quem lhe explicasse continuava calada mas cismando.

Perto da rua estreita e triste onde morava, havia uma grande mercearia, propriedade de um espanhol, onde às vezes a pequenita se quedava respeitosamente admirando as belas vitrinas, os doces variados e mil cousas que lhe eram desconhecidas, mas que deviam ser boas e saborosas.

Um dia a tia Ana precisando de fazer uma visita a uma gente que tinha crianças, mandou a Marianita à mercearia do espanhol comprar um pacote de bolachas.

Era sábado de Aleluia. O dia estava lindo e serêno, o sol acariciador parecia um topázio imenso deslumbrando o mundo com os seus raios cintilantes.

Na mercearia havia grande movimento, e a Marianita ficou um pedaço a um canto sem ousar falar aos caixeiros que lhe pareciam personalidades importantes. Por fim, lá pediu as bolachas e entregou o dinheiro certo — contado e recontado pela tia Ana — e dirigia-se para a porta quando parou um automóvel e dêle se apearam duas senhoras e uma criança moreninha e gentil, e da sua idade aproximadamente. Entraram e as senhoras pediram brindes da Páscoa, e logo uma profusão de lindas cousas cobriu o balcão. Marianita ficou deslumbrada e imóvel. A morenita olhava também para tudo, com a naturalidade de quem está habituado a viver entre cousas belas, mas por fim pediu a uma das senhoras: Mamã dê-me já as minhas amêndoas... Sorriu a senhora e disse: não, minha filha, o teu brinde só o terás amanhã a quando aos priminhos, mas dou-te amêndoas sem caixa. Logo vieram as amêndoas e alegremente a pequenita sobraçava o cartucho quando deu com os olhos na loira Marianita que, boquiaberta e esquecida de tudo, pensava, certamente, nessas amêndoas que sempre existiam mas que — ai dela! — nunca provaria talvez!

E logo a moreninha, num rasgo do seu coraçãozito, bondoso, e talvez também por uma dessas inexplicáveis simpatias que nos tomam sem que as possamos explicar, chamou a pobrezinha dizendo: — Vem cá, queres amêndoas? Atónita não se mexeu. As senhoras prestaram então atenção, e disseram: — Vem cá pequena, esta menina dá-te amêndas, não gostas?

E ela com o seu triste sorriso de infinita graça respondeu: — Não sei!...

— Nunca comeu amêndoas, coitadinha, disse a morenita; prova então, e despejando o cartucho nas suas mãos pequeninas deixou-lhas cheias.

O espanhol sorriu, e a uma pregunta da senhora mais idosa, tia da moreninha, e grande cliente da casa — respondeu: — E' uma pobre criança sem pai nem mãi. Vive com uma vendedeira de fruta que a martiriza com pancada. — E' bárbaro — disseram as duas senhoras indignadas!

Nesse momento, como para justificar as palavras do espanhol, surgiu à porta a figura obesa e repelente da tia Ana que gritou ao ver a Marianita abraçando as amêndoas: Ladra! Gastaste o meu dinheiro em lambarices! E numa fúria deixou cair a mão pesada e brutalmente sôbre o rostinho da inocente. Surpreendida, e chorando a criança, apertando num gesto indiscritível as amêndoas contra o peito balbuciava: eu não roubei... eu não roubei... Outro sopapo vinha já mas a senhora mais idosa num forte impulso atraiu para si Marianita e cheia de indignação cresceu para ela dizendo. Esta criança desde hoje não lhe pertence; adoptá-la-ei. Sei que não tem família. — A rebentar de cólera a megera ia responder mas já a outra senhora apoiava: Não discuta, nada lucrará, vamos já à polícia; se quere venha connosco. Testemunhas dos maus tratos dados à pequenita não faltarão. Vermelha, a rebentar de cólera, a fruteira nem atinava com as palavras. As duas senhoras, levando cada uma pela mão a sua criança, dirigiram-se para o automóvel e desapareceram.

A tia Ana explodiu então em imprecações e chorando de raiva, de nada fazendo os caixeiros adverti-la; cale-se mulher, se vai para a polícia pagará lá a pancada que deu à pequena.

E esfregando as mãos, o espanhol rematou maliciosamente para a mulher que espumava de raiva: Quem ganhou bem as amêndoas foi aquela.

E emquanto a megera se retirava injuriando todos, mais uma vez comentou esfregando as mãos no seu gesto habitual: a *nena* apanhou *El Gordo*...

Por *Dios* que teve sorte!

Páscoa, de 1935.

LITA DE PORTUGAL.

Milagre das rosas

Vinha clareando a aurora
Cheia de luz,
Da graça do Senhor!

Pelos caminhos fora
Os pòbrinhos, quási nus,
Ressequidos
Na dor
E no cansaço
Dos caminhos,
Vem junto ao Paço
Murmurar
Uma oração
De Aleluia,
A fim, de neste dia
Provarem melhor pão!...

— Isabel,
Santa que foi Raínha
Do Reino de Portugal,
Vai asinha
Levar-lhes a esmolinha
No regaço do avental.

— O que levais Senhora minha
Que o escondeis dos meus olhos?
(Pregunta El-Rei, altivo).
— Minguado,
Vejo o Reino formoso de meus Pais,
Pois abrolhos
Sòmente me deixais!...

Nessa canseira de Bem
Fazeis de-certo meu Mal!...

Que levais senhora minha
No regaço do avental?

E a Santa que foi Raínha
Do Reino de Portugal,
Piedosamente sorriu:

— «Olhai, Senhor, que são rosas!...»

E em suas mãos caridosas
Por milagre
O Pão floriu...

Páscoa de Rosas!...

JOÃO NETO.

MUNDO!

Desde quando me conheço que venho a ouvir falar na sublime e tam desejada *paz entre os homens*, e, dolorosamente o digo, ainda até hoje não vi mudarem-se os seus instintos de usurpação e maldade, antes me parece, quanto mais o chamado Progresso avança, mais aquelas qualidades detestáveis se lhe animam e encrespam na alma açuladas pelo seu feroz e nato egoismo!

Progresso, é dizer: inteligência, perfeição, harmonia, paz; e tudo quanto seja vingança ou violência é sintoma de incapacidade e selvajaria. Isto vem a propósito dos rumores que já se ouvem, vindos de longe, e são precursores duma nova hecatombe, mas esta com todas as características dum verdadeiro extermínio humano e mundial, o que prova evidentemente, que o homem quanto mais adianta os seus passos na vida do Mundo, mais se atraza nos seus sentimentos de moderação.

Vê-se portanto que êle não conseguiu ainda, nem mesmo com o decorrer dos milénios que o antecederam, emancipar-se das fórmulas do canibalismo que herdou dos seus antepassados; antes, sim, por sua desgraça, continua a cavar a ruína de tudo e todos, no aperfeiçoamento das máquinas de guerra e nas novas descobertas similares!

* * *

Tenho aqui perto de mim a resignada imagem de Jesus Crucificado. Há muito que sôbre Ele, piedosamente, poisei os meus olhos na contemplação das suas dolorosíssimas chagas. E tudo quanto vejo é a obra dos homens duns vinte séculos atrás!...

Quem não conhece a história do Calvário? Pois, como então, são os mesmos, os homens de hoje! Apenas há a diferença de se servirem da sublime doutrina do Nazareno para com ela se encapotarem melhor a quando das suas emboscadas e, também, mais fàcilmente esconderem a lâmina fratricida! São dois mil anos de aperfeiçoamento dos métodos sanguinários de Néro!

Poucos, mesmo muito poucos são aqueles a quem se lhe depurou o sangue por comungarem com fé os ensinamentos do Verbo Divino.

Noventa por cento dos homens da geração presente, ainda mantêm os gérmens da discórdia e da devassidão, que foram e são os dois maiores destruïdores das belezas sacrossantas do Universo!

Jesus Cristo prègou o Bem e morreu para nos salvar. Evocá-lo é dar a satisfação dum bálsamo aos que, nesta hora pressentem e sofrem os horrores das decisões perpetradas pelos homens a que, erradamente, está confiada a Paz do Mundo!

Deus super omnia.

Ermezinde, 4-4-935.

ANTÓNIO VILAÇA.

COISAS & LOISAS

A Páscoa

Como o presente número do *Notícias de Guimarãis* é dedicado à Festa da Páscoa, não faltarão colaboradores que com mais competência do que eu e, portanto, com mais brilho, falem desta Festa, uma das mais alegres que a Igreja Católica comemora. Não devo, pois, alargar-me em considerações sôbre o significado do dia de Páscoa, que outros saberão descrever com aquele entusiasmo e aquela Fé que são próprios de quem tem inteligência para dizer o que quere e coragem para não ocultar o que pensam e o que sentem. E eu — se bem que não me falte a coragem para expandir o que penso e o que sinto — não tenho os dotes de inteligência que são necessários a quem se julgue habilitado a fazer a descrição da Festa da Páscoa, tal qual ela deve ser feita. A minha obrigação — uma vez que o *Notícias de Guimarãis* me conta dentro do número dos seus colaboradores — é não abusar dessa deferência, limitando-me, neste caso, a ter o prazer de ler a agradável prosa de colaboradores distintos que, auxiliados pelo perfume das flores, pelo sabor das amêndoas, pela tradição dos ovos tingidos e por tantas outras cousas que fazem parte da Festa da Páscoa, não têm nenhuma dificuldade em falar dêste assunto sabendo-lhe imprimir todos os *toques* que dizem respeito à superior qualidade de poder reünir o que é belo ao agradável.

Por isso, limito-me a desejar Festas Alegres a todos os meus leitores e amigos e uma vida cheia de prosperidades ao *Notícias de Guimarãis* que muito hàbilmente soube dar uma lição àqueles que o alcunham de *Jornal Ateu*.

Com mais esta lição, fica claramente demonstrado que dentro dêle cabem todas as crenças e todos os ideais.

Ao professorado primário

A ex.ma C. A. do Município já se manifestou sôbre a representação do professorado primário do Concelho de Guimarãis, na qual pedia um aumento de subsídio para renda de casa. O vereador da Instrução, sr. A. L. de Carvalho, fez várias considerações, seguudo as quais procurou provar que a proposta de 23 de Junho de 1930, que autorizou a Câmara a estabelecer um novo regime de subsídios desta natureza, não é justa nem equitativa. Sua ex.ª apontou alguns exemplos que são reveladores de uma injustiça flagrante, injustiça que tem sido praticada ao abrigo dos têrmos em que foi redigida e aprovada a referida proposta, que estabelece como condições para a exclusão do aumento do subsídio às professoras que se encontrem em qualquer das situações:

a) As que têm casa própria ou gratuita;

b) As que são cônjuges de funcionários públicos;

c) As que são solteiras.

Embora a alguém pareça o contrário, muitas são as injustiças a que conduzem as clausulas da proposta citada. O seu autor, que se lembrou de distinguir as professoras casadas com funcionários públicos, esqueceu-se — o que é de lamentar — daquelas que são casadas com abastados proprietários, industriais, comerciantes, empregados de grandes emprêsas, etc. etc. Por outro lado, pôs de parte a protecção à família, não acautelada em nenhuma das cláusulas, em *má hora* aprovadas. Em face disto, é injusta e bem injusta a proposta de 23 de Junho de 1930, motivo por que deve ser substituída por outra que se harmonize com o critério da lei que criou o subsídio da renda de casa para os professores primários. E tanto assim deve ser, que aquelas Câmaras que o têm melhorado não estabeleceram excepções. Julgo que tudo isto foi devidamente esclarecido pelo sr. Vereador da Instrução, atitude muito louvável e que deve merecer a absoluta concordância dos seus ilustres colegas, que não devem querer continuar a dar a sua aprovação a um caso que chega a ser revoltante.

Suas ex.as assim o devem ter compreendido, visto que resolveram aguardar a elaboração do Orçamento ordinário para solucionarem êste assunto.

Desaparecerá, assim, o motivo de descontentamento que havia no professorado primário de Guimarãis, que não recebe o folar, mas que poderá, talvez, receber a consoada.

Satisfazendo um pedido

Algumas pessoas me vêm pedindo, desde há bastante tempo, para chamar a atenção, de quem de direito, para o que se passa com o permanente estacionamento de caminhetas na rua 31 de Janeiro, dando a impressão de que se trata de uma *rua-garage*, com manifesto incómodo para os transeuntes. Alguém supõe — e o caso não é para menos — que deve haver alguma autorização especial para o que ali se passa, porque do contrário já teriam sido tomadas as devidas providências. Sem vontade de contrariar os interessados declaro que penso do mesmo modo que aquelas pessoas que vieram junto de mim para eu falar no caso. Aqui fica satisfeito o pedido que me fizeram e oxalá que tudo se resolva dentro do que é de lei e de justiça.

Uma atitude

Felicito o sr. tesoureiro da Fazenda Pública dêste Concelho, pela atitude que tomou perante uma censura pública de que foi vítima, devido a informações falsas que deram a um sr. correspondente de um diário de Braga, o qual já fez a respectiva rectificação, depois de melhor informado. Apesar disso, aquele funcionário, que é sabedor, zeloso, educado e correcto, convidou a população de Guimarãis, por meio de um comunicado publicado neste jornal, a dizer da sua justiça. E' assim que se quebram os dentes aos caluniadores, que muitas vezes abusam da boa fé de quem os atende. Mas para êsses caluniadores, verdadeiras almas envenenadas e pôdres outras precauções deveriam ser tomadas, de modo a metê-los na cadeia, porque não pode andar à mercê dêles a honra de quem quer que seja, sobretudo tratando-se de funcionários que, como o sr. tesoureiro da Fazenda Pública de Guimarãis, nos devem merecer toda a consideração. E' a velha mania de pretender humilhar os que são dignos e intransigentes cumpridores dos seus deveres, deixando em paz os que não têm nenhumas destas qualidades. Para muitas pessoas, só é bom funcionário aquele que calca a lei e que desconhece o que seja a educação e a correcção, fazendo da sua profissão uma escola de ignóbeis exemplos. Já dizia *Frei Tomé*: humilham-se os que devem ser exaltados e exaltam-se os que devem ser humilhados!...

Lá iremos

Fui abordado por um meu amigo, de Vizela, pessoa a quem muito considero, e que à sua terra muito quere, lembrando-me a conveniência de falar, mais uma vez, do abandôno em que se encontra aquela povoação. Com mais vagar, e se êsse abandôno continuar, tratarei do assunto, se ainda puder *piar* nesta secção, que está prestes a dar a alma ao Criador...

PIPI.

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DOS BENS CULTUAIS DO CONCELHO DE GUIMARÃIS

Previnem-se todos os foreiros da extinta Colegiada de Guimarãis, de que se encontram em pagamento, até 30 de Abril corrente, na casa do Tesoureiro desta Comissão, Sr. José Cândido de Carvalho, à rua Egas Moniz, os foros vencidos até 29 de Setembro de 1934.

Passada aquela data de 30 de Abril, todos os conhecimentos referentes aos foros vencidos e que não tenham sido pagos, serão relaxados.

Para evitar aos foreiros inúteis despesas, se faz a presente prevenção.

Guimarãis, 1 de Abril de 1935.

O Presidente,

José Maria Pereira Leite de Magalhãis e Couto.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PORTUGUESES
FAMILIA
ANTONINOS
ILHEUS
VENCEDORES
COLONIAIS

São as marcas de fósforos da FOSFOREIRA PORTUGUESA que deve preferir porque não há melhores

Milhares de brindes serão distribuidos no sorteio a realizar pela
LOTARIA DE SANTO ANTONIO
(15 de Junho de 1935)
entre os consumidores de fósforos da
FOSFOREIRA PORTUGUESA
que tenham entregue 100 etiquetas (ou 60 da marca "FAMILIA")

Unicos Agentes em Guimarãis:

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

EL-REI D. AFONSO HENRIQUES

O PRIMEIRO DE PORTUGAL

TEVE POR COGNOME O

"CONQUISTADOR"

foi ele que pelas suas CONQUISTAS deu o nome, glória e independencia á nossa querida Pátria.

"CONQUISTADOR"

E' tambem o nome do melhor PAPEL DE FUMAR que pela sua excelente qualidade se impõe a todos os outros, e como um direito de facto mereceu o titulo

"CONQUISTADOR"

é fabricado com o mais puro linho para a composição da pasta.

No seu fabrico ha o mais escrupuloso asseio; o enchimento dos seus livrinhos é feito mecânicamente. No seu fabrico entram, devidamente depurados os produtos quimicos que é mister usar-se.

FUMADORES

Defendam a sua saude usando o papel "CONQUISTADOR",
Um mau tabaco com um bom papel faz o bom cigarro,
Fumando "CONQUISTADOR".

Marca Mundial registada sob os numeros, 45271-45272.

Proprietário: **EDUARDO DE SOUSA**
146 Rua da Madeira, 150 — PORTO — PORTUGAL

Exportação para o continente ultramar e estrangeiro
Telefone n.º 888

A Industrial Decorativa DE Coimbra, L.da, Suc.r

A fábrica mais importante e acreditada de Coimbra em estatuetas, bustos, e imagens em terracota

Rua da Manutenção, 3
COIMBRA
(Portugal)

JOSÉ DE MELO & C.A

Despachos de Exportação
Importação e cabotagem
R. Nova da Alfandega, 67
PORTO

Casa Fundada em 1828
— Telefone: Escritório —
e Secção na Alfandega
— 73 e Estado 57 —

DESPACHANTES, AGENTES MARITIMOS E INTERNACIONAIS

AGENTES E COMISSARIOS DE FABRICANTES E NEGOCIANTES ESTRANGEIROS E NACIONAIS

Vidal & Vidal, Suc.res

Despachos nas Alfandegas
Mudanças e Transportes
Para todos os pontos do País

Séde: LISBOA
Rua da Vitória, 9
Telefone 24788

Filial no PORTO
Rua do Bolhão, 225
— Telefone 5310 —

Companhia Geral de Combustiveis

S. A. R. L.

Séde em LISBOA — Filial no PORTO:

Rua Mousinho da Silveira, 6-2.º

Telefones 2682 2683 P. B. X. — Telegramas — COALS

IMPORTAÇÃO DE CARVÃO

Depósitos no Porto e Leixões (junto à estação do Padrão)

Carta de Lisboa

(*Continuação da 4.ª pagina*)

Ainda se fôsse só o petróleo... Mas não; é o pão, é o café, é o arrôs, é o bacalhau, é o peixe, é a carne, é tudo. Se além das subsistências considerarmos o mais que também é indispensável, como, por exemplo, o vestuário, verifica-se o mesmo cruciante problema.

Foquemos, porém, em muito ligeiros traços, o que particularmente respeita à alimentação.

— Ao defender, na Assemblea Nacional, uma proposta de lei da sua autoria, proposta cujos objectivos visavam impedir a desmezurada subida do preço dos géneros de primeira necessidade, o Dr. Angelo César, referindo-se, com abundância de dados, ao bacalhau e ao arrôs de tão largo consumo no nosso país, o primeiro sôbretudo no norte — asseverando, se não estamos em êrro, que só por especulação desenfreada êles não eram vendidos por preços inferiores aos correntes.

A carne paga-se também por preços muitas vezes verdadeiramente proïbitivos. Aqui em Lisboa, então, é tremendo. A maior parte dos talhos, a sua quási totalidade, pertence a um consórcio; de modo que, apesar de para isso haver uma Comissão Reguladora, o abastecimento é deficientíssimo e a carne, quando a há, caríssima. (*Quando a há,* porque, nesta terra de cêrca de 800:000 habitantes, dias tem havido em que se abate... uma rez!...).

Muito pior que tudo isto, porém, é haver géneros cuja produção excede o consumo e que, apesar disso, se vendem por preços elevadíssimos. O trigo, por exemplo. Até há pouco o nosso país estava em situação deficitária na produção dêsse cereal, e o pão, lògicamente, era caro; hoje produz bastante mais do que carece para o fabrico, e o pão (isto é que já não é lógico), continua caro.

Outro exemplo. A super-produção mundial do café tem sido extraordinária. Com reflexo favorável para o consumidor? Qual! Têm-se queimado — queimado! — milhares, milhões de toneladas, com o *humanitário* intento de não relaxar o seu preço.

Ainda outro. O peixe, deitado novamente às toneladas para o mar, quando a abundância acarretaria o ter de vender-se barato.

Razão têm aqueles que preguntam, e com fundadíssimo motivo: — ¿Acaso será lícito que a abundância de comestíveis seja origem de privações?

*

* *

A proposta a que nos referimos, do Dr. Angelo César, foi por êste retirada da discussão por se ter entendido que era insuficiente para a atenuação das graves conseqüências de tão complexo problema como é o da carestia da vida.

Em todo o caso, relacionado com êste magno problema, outro foi na Assemblea Nacional ventilado, na última sessão do seu primeiro período de funcionamento. Referimo-nos às propostas sôbre *concentrações económicas*, que têm por fim, segundo se infere do seu contexto, impedir abusos, já verificados em certos sectores, dos grémios criados pela actual organização corporativa do Estado. Com efeito, na moção que precede uma das referidas propostas — a do deputado Garcia Pereira — lê se o seguinte: «*considerando a necessidade de não consentir que os organismos corporativos se transformem em elementos de acção prejudicial, determinante da elevação do custo da vida*», e na base I da proposta do deputado Aguedo de Oliveira, está escrito o seguinte: «*São considerados ilegais todos os acôrdos, combinações e coligações de emprêsas, individuais ou colectivas, que tenham por finalidade restringir abusivamente, sob a forma de monopólio, açambarcamento ou especulação fraudulenta, a produção, o transporte e o comércio dos bens do comum, devendo aplicar-se aos promotores e contraventores as penas previstas no art. 276 do Código Penal, logo que haja comêço de execução.*» (Adiante veremos o que dispõe êste cit. artigo).

Que alguns organismos corporativos têm desvirtuado as suas funções, parece ser caso de não merecer dúvida. E' o que se depreende, além das propostas mencionadas, das palavras do sr. dr. Oliveira Salazar, em entrevista realizada há meses, que focaram o exemplo dos chapeleiros; igualmente se depreende das referências feitas pelo deputado Camarate de Campos à acção da Federação do trigo, cujo funcionamento acremente censurou, imputando-lhe flagrante desigualdade de tratamento na distribuïção do cereal, num discurso veemente em que produziu afirmações como esta: «*A economia deve ser dirigida a favor da colectividade, e só dela, pois é essa a nossa lei suprema*»; e, por último, também se depreende da leitura de um artigo de fundo do *Século*, publicado recentemente, artigo expressivo e violento, como é próprio da casa, que terminava com êste grito: *Basta de cambões e monopólios!* e no qual, a propósito da projectada criação do Grémio dos Armazenistas de Papel e Artigos de Escritório, se encontram as frases que a seguir se transcrevem: «*Essa intenção* (a do Estado ao promover a concentração das actividades nacionais) *tem sido, porém, de tal modo deturpada, que nem sequer já se divisa no vasto campo onde se degladiam e se concentram os mais imprevistos e estranhos interêsses. E' que, emquanto promotores e distribuidores ficarem gozando de tôda a proteção da lei, os consumidores veem-se perfeitamente indefesos. Estão à mercê de quantos desejem expoliá los em seu exclusivo proveito. Eis o que não pode ser. Se a indústria e o comércio em geral andavam desarticulados, trabalhando ao acaso e à aventura, a situação do consumidor não era melhor. E a constituïção dos grémios, consórcios e demais fortalezas comerciais e industriais em vez de a melhorar agravou a, por ter coincidido com êsse novo critério, com essa profunda alteração na vida económica do país, uma alta ds cotações a um agravamento de preços, que se não têm nesse facto ae suas causas principais não se vê onde ir descobri las*».

*

* *

Por hoje, basta. Já está excedido o espaço reservado à *Carta*, e os leitores, se alguns tiveram o incómodo de chegar até aqui, já se aborreceram, por certo. Na verdade, o assunto não é dos mais atraentes, nem mais próprios para chamar a atenção de quem lê, nesta época de predilecção pelo que é fútil. Sôbretudo, é de arreliar que, no dia festivo em que se comemora a ressureição de Cristo, o cronista se lembrasse de falar em coisas tam... desagradáveis.

Desculpem V. Ex.as e tenham uma Páscoa feliz e alegre...

J. S.

CARTA... EXTRAVIADA

(*Continuação da 3.ª página*)

guir. Não sejas má! Ninguém nos ouve, e eu sei que não costumam espreitar-te da porta. Toda a gente te conhece como rapariga honesta, de impecável seriedade, um exemplo. Avista-se mesmo à tua volta uma legenda romântica: o teu coração enclausurou-se em monástico cepticismo quando conheceste no primeiro amor a perfídia dos amores dos homens. Tenho sôbre ti o direito do carrasco, a imolar a vítima inocente.

E' para a fogueira do delicioso martírio que venho buscar teu corpo de graça donairosa. A minha mão empalidece na tua pele fina. Tens ainda aquele perfume subtil de rapariga. Teu cabelo arripia-se em ninho de beijos. Como bate o teu coraçãozito por baixo dêste pequeno seio duro e forte! Há quantos anos, amor, há vinte, há trinta... Que louco malandrim eu não fui! Pois devia adivinhar esta linha quebrada e dolente, sentir, como no meu afago, devagarinho, a harmoniosa modelação do teu corpo... E rasgo, e desnudo-te. Meus olhos bebem assombrados a luz acariciadora do teu olhar. Quero unir-me estreitamente, mais, ao calor da tua carne, as veias a pulsarem contra as veias, os músculos enrodilhados nos músculos, todo, neste crime sagrado do amor, libertação e morte, sacramento e pecado, noivado imortal!

O homem é assim, o amor é assim. Nada mais existe, nem do passado, nem para além do instante, eterno e breve, um ai, dois gritos em delírio. Toda tu minha. E para sempre de um beijo — o vôo da borboleta. Apagarei a luz, se queres. Ainda te vejo melhor à luz morta do luar — a ânsia do amor é morta, a vida que se conjuga e evola. Há quantos anos minha boca procura a tua boca para êste beijo!

Não grites... ¿Para que viestes? Obrigas-me a morder-te os lábios, a ser cruel como um sátiro. Cuidado. Há uma fera cá dentro, indomável, a fera bárbara, verdadeira fera. Serás minha, serás minha... Acudam, acudam! — os teus sentidos ao meu desejo, o teu desejo ao meu delíquio. São faíscas carregadas da electricidade do fervor que se entrecruzam a nossos olhos — a tempestade de todos os séculos na agonia do instante supremo. Sem êste arranco não havia a flor, é êle que se move nas ondas do mar, que vibra a luz das estrêlas. Minha, ó maravilhosa aparição...

¿Minha? Pobre beijo envelhecido que nunca mais reflorirás! Conquistador ingénuo! Criança. Para nunca mais! Linda cena, na verdade! Olha bem para mim, pequeno papel de carta! A tremer como uma criança, a esfolhar-me das tuas mãos. E para isto vim de tam longe, desarmei todas as cautelas. Surpreendi a tua calma Violei o teu quarto. Uma vergonha! Eu que tenho por ti um respeito superior a todas as delicadezas meticulosas, que vejo em ti a única mulher da minha vida, a única que se estima com um amor mais profundo e mais puro do que a paixão; eu, que vinha pedir-te que me ouvisses longamente, porque só em ti posso confiar o segrêdo terrível e doloroso da vida que se não viveu e dizer-te que, se me despedisses, seguramente, fatalmente, estoirava já os miolos... fui eu tão miserável de atrós loucura que te feri como um selvagem!

Adeus! Tem piedade — eu volto. Deixa-me voltar sem disfarce. Foi talvez o ensaio de bandido na escalada que me ia transformando em bandido completo. Talvez o excesso do martírio que tenho sofrido, o choque na perfeita serenidade da tua alma feliz. Feliz — sim. Apaga estas palavras nessa fogueira — e deixa-as arder em faúlhas mansas e voar em cinza... como em pobre cinza vôam os amores... que se viveram.

Esta carta .. não chegou ao seu destino. Como nos veio parar à mão? E' outra história, curiosa. Mas, essa, fica para outro dia.

EDUARDO DE ALMEIDA.

A festa das festas

(*Continuação da 4.ª pagina*)

Como é encantador tudo isto!...

Finda a cerimónia, todos se levantam e com aquela rude mas sincera franqueza que caracteriza esses povos o dono da casa insta para que lhe aceite o sr. abade um pequenino mimo: *uma fatia de pão de ló* pelo menos *ou um copo de vinho, da sua modesta lavra.* O sacristão não se faz muito rogada e o sr. abade, em geral, recusa.

Assim procedem os mais pobrezinhos.

Os remediados apresentam sôbre uma branca toalha de linho, em cima de uma mêsa colocada no melhor aposento e na falta dêste na cozinha, sôbre um pires de louça vidrada, uma maçã camoesa para êsse fim, há tempos, guardada, com uma flor de papel, espetada com um verso impresso e junto dela uma pequena moeda de prata.

Na casa dos ricos o caso muda porém de figura. Por toda a parte há luxo, ricos bufetes, onde reluzem as garrafas do vinho do Pôrto, finos doces, escolhidos frutos e uma moeda de oiro, numa artística bandeja de prata ou num lindo prato de louça antiga e rara.

Há alegria esfusiante. O sacristão e o resto do Compasso descansam, matam a sêde e o sr. abade conversa e ri.

Eis o que era outrora no Minho a visita pascal, por meio da qual o pároco tinha o ensejo de conhecer melhor os seus paroquianos e de visitá-los.

A impressão de saüdade que êste costume da minha terra gravou em meu coração jamais se extinguiu. Ficou indelével.

Ninguém, que tenha coração, o pode esquecer!

A *Ressurreição* é um dos factos mais importantes para a grandiosa obra da redenção humana.

E' um facto tam notável que sem êle não se teria realizado a missão divina, pois êle foi o sublime remate dessa maravilhosa obra que tem por epílogo o calvário.

Que enorme soma de ensinamentos nos proporciona o prodigioso acto da *Ressurreição!*

Não é nos acanhados âmbitos das colunas de um jornal que cabem as muitas reflexões que tam estupendo facto nos suscita.

Por isso termino esta modesta prosa antes que me apelidem de *reaccionário* bem como ao *Notícias de Guimarãis.*

A todos desejo muito *Boas-Festas.*

P.e ALBERTO GONÇALVES.

ATELIER DE VESTIDOS
E CHAPEUS

Modicidade em preços

Verão de 1935

Tenho a honra de informar as minhas Ex.mas clientes, que exporei nos dias 28 e 29 do corrente, no meu domicílio, os mais recentes modêlos de chapéus, para a Estação de Verão + + + + + + + + Agradeçe, pois, a V. Ex.as, honrando-a com a sua visita

MARIA EMILIA FONSECA

Rua da República, 91
GUIMARÃIS

Cabana de moleiros — Quadro de Abel Cardoso

TESTAMENTO DE JUDAS

Encontramos na nossa caixa destinada à recepção do correio, de mistura com vária correspondência, uma volumosa carta lacrada convenientemente, contendo — que admirável surpresa! — o testamento firmado pelo próprio punho do desventurado Judas, de grata memória, recentemente falecido.

E como se trata de um documento deveras curioso pelas suas originais disposições, e sem sombras de ofensas para os senhores contemplados, gostosamente o vamos transcrever, na certeza de oferecermos aos nossos estimados leitores um agradável passatempo. — *N. R.*

«Em meu juízo perfeito
E para o devido efeito
De uma dúvida futura,
E' válido o testamento
Que faço neste momento
Sob a minha assinatura.

Ao **Director** do **«Noticias»**
P'ra que pesquisas active,
Sempre amável e metódico:
— A carta de *«dectives»*,
E *«pingo»* p'ró periódico...

Ao **A. L. de Carvalho**
Isto livre de baleias:
— 3 chaves de utilidade
Para fechar as vielas
Mais sórdidas da Cidade...

Ao **Alberto T. Carneiro**
De ideas rubras, ardentes,
Prestável, hospitaleiro:
A farda de marinheiro,
E a navalha para os dentes...

E ao ilustre **Alberto Braga**
— Espírito culto e rico —
Como lembrança e não paga,
A essência que nos embriaga:
— Meu pote de mangerico.

Ao **Alfredo Guimarãis**
— Arqueólogo em função —
Sem ofensas nem piadas:
— Projecto p'ra a construção
Dum *Palácio dos Almadas*.

Manuel Saraiva Brandão:
Como o trabalho desdobras,
Esta pasta não te nego;—
— A do Pelouro das Obras,
P'ra que baixe o desemprêgo.

Ao *«leal»* **Rodrigo Abreu:**
A oferta cheia de pó,
Já do tempo de Moisés:
— Partitura — solidó
Da pobre Música-Vélha
Para assobiar nos cafés...

E ao **Aníbal das Gravatas,**
Deixo-lhe, sem azedume
E a brincar, pois já se vê:
— Um muleque para *groom*,
Da *Casa Ultra-Modê*...

Deixo, deixo, deixo...
— A quem vou deixar? —
E de mão no queixo
Mandei mais lavrar:

Ao Senhor **Capitão Pina,**
Arquitecto com cultura,
E um inimigo da pândega:
— Medida certa da altura
Que tem a tôrre da Alfandega!

E ao **Arturinho de Freitas,**
Rapaz de olhar franco e terno,
Que não sofre de maleitas
E duma extrema bondade:
— O meu tratado moderno
Da *Nova Contabilidade*.

Ao **Doutor Joaquim de Barros**
— Homem aprumado e estético, —
Parece que estou a vê-lo:
— Um matadouro hipotético...
O que se chama um modêlo!

Ao grande **Mário Meneses:**
Herdança que faça rir,
Ou não fôsse amigo vélho:
— Ninhada de pintaínhos,
P'ra mandar distribuir
Pelos centros do Concelho...
— E também pelos caminhos...

Ao **Doutor Fernando Aires,**
Que em certas questões discorda
Com seus acórdãos em brasas:
— Um auto-giro de corda...
— Mais um Cupido com azas...

E ao **Avelino Meireles:**
— Meu assobio de barro,
Muito fácil de tocar;
Sentindo-se empanturrado,
Queira-o sempre aplicar
No lugar apropriado...

Ao **Manuel C. Martins:**
Deixo-lhe, neste momento,
Em que o Mundo se entreolha,
— Um garboso regimento
De soldadinhos de fôlha...

Ao meu **Doutor Isaías:**
P'ra que sempre sobressaias
Nos exercícios de química,
— Uma dúzia de *«cobaias»*...

Ao **ourives Zé Fernandes,**
Da Rua Paio Galvão,
Que outro melhor não conheço:
— Deixo-lhe o meu coração
E jóias de estimação,
P'ra vender por baixo preço.

Deixo, deixo, deixo...
A quem vou deixar?
E de mão no queixo
Mandei mais lavrar:

Ao **António do Amaral**
Doutor — e quási capelo —,
Belíssimo cidadão:
— Os meus chinelos de ourelo...
— E a escritura (que arrelia!)
De *acómodo* e divisão
Do *monte Santa Maria!*

Ao **Capitão Guedes Gomes:**
A êste môço graduado,
Dum excêntrico cabelo:
— O mais moderno modêlo
Para o farto penteado;
E atendendo-se aos bons dotes
— A tesoura do Amieiro
Para talhar uns capotes...

Ao Senhor **Manuel Machado,**
Com o máximo prazer,
Embora tarde, a deshoras:
— Segrêdo e arte de fazer
Fotografias sonoras...

Ao mimoso **João Neto,**
Defensor dos mais espertos,
Poeta de rimas impressas:
— Um violino p'ra concertos,
Movendo o arco ás avessas...

Ao caro **Aprígio de Castro,**
Financeiro dos melhores:
— A infinita paciência
De escutar dos lavradores
Datas de Vossa Excelência!

E ao amigo **José Roriz,**
Artista do coração:
— A minha vélha guitarra...
E a mais sentida canção.

Ao **Doutor João de Oliveira,**
Que de mim já gargalhava
Ao ver a minha figura:
— Um Cupido com a aljava
Com chaves sem fechadura...

Ao magro **Luiz Coelho**
Não sei o que lhe deixar
Entre as heranças externas:
— Um dia de 80 horas,
Para poder alcançar
Terra e Céu com 2 pernas!

Ao **Secretário Zé Gomes**
— Atencioso e correcto,
Que sabe até de lavoura:
— O deslumbrante projecto
Da **estrada da Corredoura**
(Já censurada por vários)
Com todos os seus desvios
Possíveis e imaginários...

Deixo, deixo, deixo...
— A quem vou deixar? —
E de mão no queixo
Mandei mais lavrar:

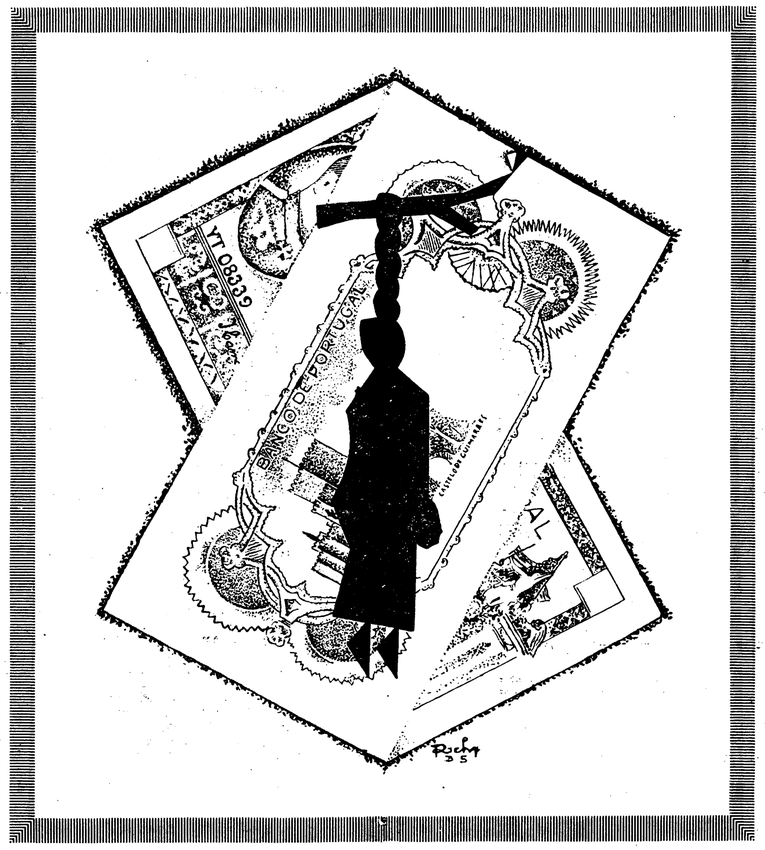
Ao **Américo Durão**
Que, suave e ameno,
Tomara chá em pequeno,
Em requintada porção:
— Livro das... boas maneiras
E de ensinamentos francos,
P'ra ler a quem lhe tem feito
Os seus cabelos de brancos...

E ao **António Lapinha,**
Que de Lapa nada tem;
Nome feio, que destôa,
E que não lhe fica bem:
— Hei por bem deixar-lhe o cargo
De **Procurador-sem-Coroa...**
No **Bairro do Pevidem!**

Ao mui hábil **Simão Costa:**
— Minha «vara» de Juiz;
Deve ficar-lhe um regalo,
P'ra figurar (que feliz!),
Na vélha missa do Galo!

Ao preclaro **João Dias**
(A quem deixar os meus *bicos*.
Pregunto eu com franqueza?)
— Leve a colecção de micos,
Para a **«Marcha Milaneza».**

Ao Senhor **José de Pina**
— Mestre bom e cativante,
Patriota entre os primeiros:
— O assobio p'ra oferecer
Ao 2.º Comandante
Dos intrépidos Bombeiros!



— A carroça do correio...
Para fazer o transporte
Dos seus volumes didáticos.

E ao **Jerónimo da Rocha**
— Delegado em toda a parte, —
Com as malas vê-se à brocha,
Tantas são as estações!
— Deixo-lhe o Planeta Marte,
Para exercer suas funções...

Ao solícito **João**
Que tanto elogia os vivos:

Ao caro **Eduardo Lemos,**
Com grande contentamento,
Como preito e afeição,
Para colocar no nicho
Do seu estabelecimento:
— A estátua do Pai Adão!

Ao Senhor **Abreu de Lima:**
Antes de eu entrar na cova,
Nestas fôlhas de registro
Isentas, também, do fisco:
— Deixo-lhe uma casa nova,
Para a representação

E que gordo se mantenha:
— Deixo-lhe um novo beiral
Para o seu **Hotel da Penha.**

Deixo, deixo, deixo
— A quem vou deixar?
E de mão no queixo
Mandei mais lavrar:

Ao **Doutor Rocha dos Santos:**
Que se lhe faça entregar
Com todas facilidades
(Não pense que é um imóvel):
— Caixa de velocidades,
P'ra poder aligeirar
A marcha do automóvel.

Deixo ao **Torcato Simões**
Meu largo e grande espartilho;
Dá-me a impressão de trazer,
Na barriga, mais de um filho...

Ao **António de Azevedo**
— Um distinto professor —
Simples, cortez e moderno:
Lego-lhe um esquentador
Para o próximo inverno;
— E um novo fauno, emfim,
Que ainda falta no jardim.

Ao **Pedro de Freitas (Pai);**
Duas cousas por que anseia:
— Um penteado moderno...
— E surpreendente lampreia...

Deixo ao **Armando Andrade**
— Uma pessoa à altura: —
Usos inquisitoriais
Para *réveuche* futura...
E para que mais se afoite:
— As piadas da meia-noite...

Ao **Doutor Mário Dias:**
P'ra contas fazer melhor
De entradas... ao domicílio:
— Uma Algebra sem autor,
O que será bom auxílio.

Ao **David d'Oliveira**
Mestre de boas condutas:
— As iscas, anzóis e linhas
E a cana de pescar trutas...

Ao **Carvalho** do **Oriental:**
— Deixo-lhe um *vinte-e-um-têto*,
Como prenda original...
Mas que saiba duma vez:
— Não pode ir ouvir mais música
Lá, pelos outros cafés...

Ao sagaz **António Pina,**
Para que sempre a mantenha:
— A chupeta que o entretenha,
E que julgo um bom negócio:
Para as horas da má-língua...
Para as longas horas de ócio...

Ao **Doutor Eduardo Almeida:**
Minha toga e escritório,
Com o dever de livrar
As **«Almas do Purgatório».**

Deixo, deixo, deixo...
A quem vou deixar? —
E de mão do queixo
Mandei mais lavrar:

Ao bom **Gualberto Pereira,**
Com tôda a sinceridade,
Sem sentido de bruxir:
— A última novidade
Em sobretudos, dos brancos,
Para em Braga... os exibir.

Ao **João Teixeira Aguiar:**
A deixar-lhe, aqui, me atrevo
De um teatro a levantar
Linda *maquette* em relêvo:

Faz-se em 50 horas
A obra de efeitos vários,
Pois não permite demoras,
E emprega 6.000 operários...

Trabalho aos saltos, aos pinchos,
Ou antes, aos trambolhões...
Precisa 500 guinchos...
E 200 camiões...

Ao vélho **Adelino Jorge**
— Seus cabelos o dirão
Apezar-de vigoroso:
— A genuina intuição
Matemática do gôzo
E da delícia, também,
Através dos seculos... Amen!

Ao **Jerónimo d'Almeida**
E ao **Delfim de Guimarãis**
— Dois Poetas de ilusões
Com diferentes sobrenomes:
— Registo das certidões,
P'ra evitar troca de nomes.

Ao **Doutor Chico Rodrigues:**
— Meu aparelho de rádio,
Perfeito no transmitir,
Como não há outro igual,
E que o há-de substituir
Nas emissões do **Oriental...**

Ao bom **Coronel Alcino**
E ao melhor **José Pinheiro**
— Pessoas belas e gradas —
— *Não hd belos sem senões:* —
— O mapa geral de estradas
P'ra suas divagações...
E, para expansão de ideias,
Deixo-lhes com mui carinho,
O viveiro de lampreias
Que existe no Rio Minho!

Ao **Jerónimo Sampaio**
— Jóvem de encargos diversos
E lembranças sempre saldas:
— A colectânea dos versos
Do saúdoso **Braulio Caldas;**
Para assim fazer pirraça
E atirar leveira séta
A quem caír na desgraça
De não conhecer o **Poéta.**

Por fim: ao **Alfredo Félix**
E **Armando Humberto Gonçalves**
— Que são irmãos, afinal, —
No consumo de petiscos:
— Deixo-lhes o meu manual
Do bom **Abade... de Priscos!**

E ao **Pedro,** cá da gazeta
(Seja do mesmo **«Noticias»**)
A desfazer-se em carícias,
P'ra reforçar caloteiros:
A saca dos meus dinheiros!

Guimarãis, tantos de tal...

(*a*) JUDAS ISCARIOTE.

Está conforme o original a que nos reportamos.

Bandarilheiro.

Deixo ao **«mártir» Chico Pires,**
Acusado de desordem
E outras cousas, — que faz pena: —
— O **«ombro-armas»** da ordem,
Quando não haja cinema.

Ao **Bernardino Jordão,**
O maior industrial
«*De minas*», mas sem carvão...
— Deixo, deixo, sim senhor,
Uma térmica-central,
Sem atritos, sem estalos,
Para 200 cavalos
E mais 50, a vapor...

Ao **Doutor Raúl da Costa**
(Aqui ou em qualquer parte
Esta herança causa dó):
— O manual da vélha arte
De bem jogar o dominó.

Ao **João de Figueiredo,**
Pelado do *Oriental:*
— As minhas barbas postiças;
Não lhe devem ficar mal...

Ao **Manuel Jesus de Sousa**
Que é **Doutor** e **Boticário,**
E uma figura de escol:
Meu antigo formulário
Para um novo **Sanitol...**

Deixo, deixo, deixo...
— A quem vou deixar? —
E de mão no queixo
Mandei mais lavrar:

Ao **Sôr Tenente Coelho**
(E diga que não tem sorte,
Professor dos mais simpáticos?):
— A remessa dum vagão
Com vistosos adjectivos,
Para luzir altaneiro,
Nas **«*Cartas*»,** para o **«Janeiro».**

Ao **Dionisio das Neves:**
Mais amargo que triaga
Receba, mas sem quisília:
Barrete à seminarista
P'ra disfarçado ir a Braga...
Ir visitar a família...

Doutor Fernandes, das Taipas:
— Antes que surja dissídio,
Como pode ainda surgir,
Atesto desta maneira:
— 20 contos de subsídio,
Para fazer construir
O **Sanatório da Cabreira.**

Do seu cargo de Ministro
Da... Ordem de S. Francisco.

Lego ao **Cunha Guimarãis**
Que tem — afora a guéla —
Uma garganta de raça:
— Letra da **«*casa e janela*...»**
Fazer contas dentro dela...
E ser o *amor* de quem passa...

Ao **Alberto P. Machado**
— Um rico sem egoismo,
Afável, franco no trato:
Grizetas p'ra iluminar
A estância do Turismo
Da ridente **S. Torcato.**

Ao **Paulino,** ao **Ferreira**
O Zé Santa do Toural —

PÁSCOA

Páscoa! Páscoa florida!
Páscoa de amor!
De novo o sol a procurar a vida,
De novo a luz a irradiar calor!

Dá-me o teu braço, meu amor, guarida
Desta inquieta dôr!
Elevemos, nas almas, escondida,
Esta canção em flôr!

Eu e tu, ninguém mais! Só tu, querida,
Me segues aonde eu fôr!
O mais que importa para quem duvida
E vê apenas rancôr?!

Assim, nós dois, nesta incruenta lida,
Volvendo os olhos em redor,
Tornaremos mais fácil a descida,
Neste ingrato pendor...

Ergue os olhos ao céu! O céu convida
A sofrer, com paciência, a cruz maior,
Até à hora da partida!
Até à hora do sol-pôr!

Coragem! Vamos, nesta luz ungida
Da graça do Senhor!
Pois só ela é que dá toda a medida
Da paz interior!...

JERÓNIMO D'ALMEIDA.

HINO DA PÁSCOA

Sobem canções d'alvoradas
Reina o sol com seus 'splendores!...
— Abrem-se as portas dos lares,
Brotam sorrisos d'amores
Sôbre as mesas transformadas
Em lindos altares!!...
— Atapetam-se os caminhos
De verdes e flores,
E as crianças, como anjinhos,
Levam os doces folares
Dos seus bons padrinhos!...

— Na igreja tocam os sinos:
Tlam, tlim, tlam!... Tlam, tlim!!...
'stoiram foguetes no ar:
Terreque, reque, teque!...
Teque tau, tum, tum!!...

— Lírios d'aromas divinos
Vem noss'alma perfumar!...

Tlim, tlim, tlim!!...
— Lá vem a chegar
A Santa Cruz do Senhor
Do meigo Jesus
E sublime Redentor
Que por nosso amor
Sofreu amargos martírios
Para nos dar alva luz...
— Astro de doce fulgor!!...
Que faz brotar brancos lírios!...
Oh! *Virgem Maria!*
Aleluia, aleluia
— Bálsamo que por nós passa —
Santa Mãi — Virgem Maria
Com divina graça!!...

Tlim, tlim, tlim!!...
Aleluia, aleluia;
Bemdita alegria
Aleluia!!...

Porto — 1935.

FREITAS SOARES

EM BEMLHEVAE

Vitoria, 4 — Monsão, 2

O Vitória, no seu jôgo efectuado com os de Monsão no domingo passado, ganhou com inteira justiça.

E podemos até acentuar que o resultado pecou por ser pouco expressivo, porque os da casa dominaram e jogaram o bastante para que o «score» fôsse mais elevado.

Mas, a pouca eficiência no remate dos seus avançados, evitou que a vantagem se traduzisse em números.

O «team» visitante procurou fazer o seu jôgo, com aquela toada própria dos grupos da província.

Logo de entrada actuaram com grande energia e uma certa velocidade nas jogadas, mas durante uma vintena de minutos da primeira me, tade estiveram metidos no seu campo raras vezes descendo ao terreno adversário.

Marcaram 2 bolas de efeito e com merecimento.

Os da casa, 1 goal na 1.ª parte e 3 na segunda.

Os vimaranenses, como acima dissemos, ganharam e jogaram bem. A linha de ataque fez um trabalho apreciável, pecando por baterem pouco a balisa. Os médios foram desiguais, tendo J. Maria brilhado em alguns lances. Maneca foi o melhor «back» com pontapés seguros. Ricoca, com certas culpas no 2.º «goal» e em certas jogadas deixa cruzar demasiadamente o jôgo.

Os monsanhenses jogaram menos do que o adversário. No entanto, o seu guarda-redes, interior direito, médio centro e centro avançado, merecem elogios.

ANTÓNIO NEVES.

Depois da Aleluia

A interromper o silêncio suave de uma manhã de Primavera, ouve-se o tilintar de uma campainha, anunciando a visita Pascal, festa que a Igreja Católica manteve como uma tradição. Um sacerdote, acompanhado da sua comitiva, na qual não falta o portador do *taleigo* dos folares, percorre todas as habitações, desde a mais humilde à mais opulenta, levando junto de cada uma a luz da aparição divina.

Horas de revelação e de extase, de religiosidade e de mistério! Ouve-se o pulsar doce e rítmico do coração dos crentes e todos exteriorizam a alegria da sua alma, que os envolve numa carícia e os banha nesse amor florescente que a solenidade do dia lhes proporciona, constituindo a paisagem da sua crença transformada em maravilhas, nas quais repousa toda a sua ternura, transfigurada numa teia branca de lírios. Pelos caminhos fora, numa verdadeira romaria espiritual, sob o lindo azul do céu, que parece desfazer-se numa chama de camélias brancas, segue o piedoso cortejo, parando aqui, parando ali, em toda a parte onde se encontre uma porta aberta para receber a visita, e junto da qual se vê um tapete de flores, escondendo, muitas vezes, o tranquilo recanto onde sempre tem vivido a pobreza e a virtude.

Nas aldeias, a festa da Páscoa reveste-se de mais gala e de mais alegria e tem um cunho mais tradicionalista do que aquele que se nota na cidade, onde a sua simplicidade é mais evidente.

Um dia de Páscoa passado na aldeia — dizem os crentes — é o que há de mais belo para aqueles que sabem sentir a suavidade e o carinhoso ondeio da luz do céu, trazendo consigo o olhar de Deus. A simplicidade do povo do campo e a sua fé religiosa dão à festa da Ressurreição a expressão mais nítida da Belesa, porque são almas que se unem em abraços maternais. Por fim chega a noite e o luar começa a diluir-se na sombra nascente, na qual o cintilar das estrêlas é como que um olhar abençoado sôbre a terra.

Páscoa de 1935.

M. MARQUES.

Visita do Grupo Desportivo de Monsão

Falta-nos o espaço neste número, para falarmos dos acontecimentos da semana, no número dos quais está a visita do «Grupo Desportivo de Monsão» a esta cidade. Diremos, no entanto, que essa visita marcou pelo cunho de solidariedade de que se fez revestir, tendo os nossos visitantes sido recebidos entusiàsticamente pelo povo e pelas entidades oficiais.

Emprêsa Textil da Cuca, L.da

FABRIGA:

MOREIRA DE CONEGOS

VIZELA

Telefone, 24

SÉDE E ESCRITÓRIO

56, Rua de Paços Manuel, 58

PORTO

Telefone, 1147

Especialidade em riscados próprios para o Continente, llhas e Colónias e artigos mixtos de algodão e sêda

Irmandade de São Torcato

Convocação da Assembleia Geral Ordinária

Para se proceder à eleição da Mesa Administrativa e Definitório que tem de servir no biénio de 1935 a 1937 e em conformidade com o disposto nos artigos 23.º e 24.º dos Estatutos, é convocada a reünir a Assembleia Geral Ordinária no dia 5 de Maio, próximo, pelas 15 horas, na sala do Despacho desta Irmandade.

Se não comparecer número legal de irmãos na primeira convocação, funcionará esta com qualquer número no dia 12 do mesmo mês, à mesma hora.

Guimarãis e sala do Despacho da Irmandade de São Torcato, 18 de Abril de 1935.

O Presidente da Assembleia Geral,

Alberto Pimenta Machado.

Festa do Trabalho

Activam-se os preparativos para a Festa do Trabalho, que promete revestir muito brilho e atraír à nossa terra milhares de forasteiros.

As comissões têm reünido amiúdadas vezes para trocar impressões.

Precisa-se

Esc. 12:500$00 sôbre hipoteca. Esta redacção informa.

FALECIMENTOS

D. Maria Sofia da Cunha Guimarãis

Em Matozinhos, onde residia há algum tempo faleceu, na quinta-feira, a nossa gentil conterrânea sr.ª D. Maria Sofia da Cunha Guimarãis, irmã dos nossos bons amigos srs: João Afonso da Cunha Guimarãis, José Manuel da Cunha Guimarãis, distinto cadete de cavalaria e Eduardo da Cunha Guimarãis, e cunhada do sr. tenente Cunhal.

A saüdosa extinta que contava apenas 26 anos de idade e que havia casado há poucos meses, estava gravemente enfêrma há já algumas semanas, nunca se supondo que a morte tam cedo viesse roubá-la ao convivio dos seus.

Senhora de puro trato e de esmerada educação, contava no nosso meio muitas amizades, motivo porque a sua morte foi muito sentida.

A toda a família enlutada, especialmente à dedicada mãi e irmãos da extinta apresentamos as mais sentidas condolências.

Semana Santa

Decorreram com certa imponência as solenidades da Semana Santa realizadas em alguns templos.

Na Quinta feira Maior a concorrência de fieis aos templos, durante a tarde e as primeiras horas da noite foi extraordinária.

OFICINAS GRAFICAS

"Minerva"

VILA NOVA DE FAMALICÃO

Economia
Perfeição
Rapidez

TELEFONE 26

A' MINHA NETINHA

FLORA ALEXANDRINA.

Dorme ingènuamente, descansadamente
Meu róseo bambino de marfínio olhar,
Porque emquanto dormes no bercinho quente,
Deus desfia sonhos pela tua frente
Ladaínhas feitas de orações de luar.

Mais serenamente que um barquinho à vela,
Sôbre o mar de prata, descruzaste as mãos.
Oh! nunca te assustem medos da procela...
Teceram-te o berço duma caravela
Com sorrisos de astros a fazer d'irmãos.

Sonhas que renasces por nações distantes
Aonde há reis magos, lindas princezinhas,
Alamedas de oiro, fadas e gigantes,
Tal qual velhos contos que ouvi contar dantes
Pelas minhas velhas, santas avòzinhas.

Canta o vento, longe, toadilhas mansas,
Perdem-se no Espaço as canções do mar,
E aos sons doutra orquestra silenciosas danças
Dançam as alminhas brancas das crianças
P'ra te adormecer e te fazer sonhar.

FLORA CASTELO BRANCO.

CASTRO, SOUSA & C.ª, L.da

48-2.°—Rua das Flores

TELE { fone 2219 / gramas—MIMI

PORTO

Agentes depositários (Norte Mondego)

da Société Anonyme des Matieres Colorantes & Produits Chimiques de SAINT DENIS—PARIS

Anilinas para todas as industrias e produtos quimicos para tinturaria

Acido Acetico, Bichromatos, Sulforeto britado e em blocos, Campeche e Hematine

Sulforicinato de soda de 40 a 100 %

de fabricação esmeradíssima

I. G. Farbenindustrie Aktiengesellschaft

ANILINAS para todas as industrias

PRODUTOS QUIMICOS para aperfeiçamentos texteis, para cortumes, etc.

ANILINAS "INDANTHREN"

de insuperada solidez, à lavagem, à luz, às intempéries

Indanthren

Sociedade de Anilinas, L.da

PORTO—LISBOA—COVILHÃ

Agencia em Guimarãis:

Amadeu C. Penaforte, L.da

RUA DE PAIO GALVÃO

MARIO COSTA & C.ª, L.da

Sede no Porto:—Rua do Almada, 30-1.° e 2.°

AGENTES GERAIS PARA PORTUGAL E COLONIAS DE:

Walter Carson & Sons, Ltd

LONDRES

Fabricantes da afamada tinta

MURALINE

para a pintura de paredes

LA BELLE-HARD-GLOSS

Esmaltes de grande resistencia e brilho

TINTA ANTI-CORROSIVA "CARSON'S"

Tinta de grande resistência para todas as obras de engenharia

Compagnie Française de Produits Chimiques et Matières Colorantes de Saint-Clair-Du-Rhone

Compagnie Nationale de Matières Colorantes et Manufactures de Produits Chimiques Du Nord Reunies

(ETABLISSEMENTS KUHLMANN)

Fabricantes de corantes para todas as fibras, básicos, ácidos, ao cromo, directos, : meia-lã, Naphtazol, etc., etc. :

Fabricantes dos corantes de cuva, de grande solidez às intempéries:

SOLANTHRENES

Pigmentos celulósicos «LISSANOL»

Chenevier, Bailly G. Peyrache & Cie

PARIS

Produtos para curtimenta: CHROMIN, PEROLY, etc.

Mercier Frères—Annonay

Maquinas para a industria de cortumes

Rivayrol Ainé—Montauban

Pêlos para o fabrico de chapeus

AGENTES:

LISBOA: A. Guimarães—R. Rodrigues de Sampaio, 158 r c Esq. **COIMBRA:** Lotário Lopes M. Ganilho—Praça 8 de Maio, 16.
BRAGA: Viuva de Manuel Rodrigues Barbosa—Rua de S. Vicente, 45. **VISEU:** Viuva de Manuel Sena Ferreira—Rua do Arco, 4 a 8.
COVILHÃ: Leonardo Caetano Mosa—Rua de Ruy Faleiro, 21.
GOUVEIA: Eduardo Saraiva de Carvalho—Praça de Vasco da Gama. **MANTEIGAS:** Adalberto Lucas Saraiva

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA, S. A.

Rua Duque de Loulé, 240

PORTO

CAPITAL: Acções . . . . . 40:000 contos
Obrigações . . . . 22:000 contos

Electricidade do Lindoso

FORÇA INSTALADA	Hidraulica	40:000 cavalos
	Térmica, de reserva . . .	22:000 »
Força já contratada		20:000 »
Força disponível		20:000 »

Tarifas especiais para industrias. Facilidades para electrificação de fábricas e para entrega de electricidade nas zonas de:

Porto, Braga, Coimbra, Leiria, Alcobaça, Tomar, Caldas da Rainha, Figueira da Foz, etc., etc.

Consultar as tarifas da U. E. P.

End. Tel. — API — PORTO

Telefone — 5884

M. R.

Fábrica de Acessórios para Fiação e Tecelagem

DE ARMANDO PINTO & IRMÃO

Rua de Santa Catarina, 17-1.º-D.to — PORTO

++ Pentes, Liços, Caixilhos, Grampos, Molas espirais e planas, Latas e Caixas para cardas cartões de aço, Argolas fechadas, Molas, etc., etc, ++

PREMIADOS COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO COLONIAL

Lançadeiras, Tacos, Tira-tacos, Prachetas, Correias, Agrafes, etc. Canelas, Bobines, Tubos, Carretas, etc., em madeira e cartão

Máquinas para fiação, Teares, Urdideiras, Caneleiras, Bobinoirs, etc., para sêda, algodão, lã e grossarias

MOTORES DIESEL A ÓLEOS PESADOS, A GAZ POBRE, ELÉCTRICOS, ETC.

Se V. Ex.ª tem interesse em máquinas ou acessórios para fiação ou tecelagem, consulte-nos que forneceremos gratuitamente orçamentos e plantas para as instalações

Muita atenção!!!

Ninguem deve deixar de aplicar nas suas pinturas a maravilhosa tinta

"Branco de Titane"

E' uma tinta em massa, à base de óleo, que se impõe a qualquer outra similar. Cobre cinco vezes mais que o alvaiade e resiste a todas as variações atmosfericas, às emanações sulfurosas e aos vapores dos ácidos

Pedir prospectos e amostras grátis aos distribuidores gerais em Portugal:

DROGARIA MOURA, L.DA

Largo de S. Domingos, 101 — PORTO

A' venda em todas as Drogarias

Telegramas — DORATO

Telefone — 1313 e 1668

MARCA REGISTADA

Para Fiar — Tecer — Tingir — Acabar

Para tudo que diz respeito à Indústria Textil, há uma casa Portuguesa que fabrica todos os Acessórios necessários! Mesmo que não tenha interesses ligados à Indústria Textil visite a Exposição permanente de

EDUARDO PEREIRA PINTO & FILHOS

Casa Fundada em 1885 (50 anos)

Rua do Bomjardim, 437-A — PORTO

Verá que a Indústria Nacional de Acessórios para a Indústria Textil, dispensa os de fabricação estrangeira. Concorremos a 6 exposições tendo-nos sido conferidas 7 Medalhas de ouro e 1 diploma de honra. Na Industrial Portuguesa de 1932 e Colonial de 1934 foram-nos conferidas 2 Medalhas de ouro em cada

Casa dos Linhos

Artigos de bordar

e miudezas

Secção de Importação

e Exportação

de algodões

Rua Fernandes Tomaz, n.º 664

PORTO

Agentes em Guimarãis: GOMES ALVES, MATOS & C.ª

Companhia Industrial de Fundição

S. A. R. L.

CONSTRUTORES DE MAQUINAS INDUSTRIAIS E DE MATERIAL AGRICOLA

Séde Social: Rua de S. João, 19 — PORTO

Endereço Telegráfico "ARADOS"

DEPOSITO 6, Rua S. João, 8 — PORTO

Marca Registrada

A Maior Fábrica do Norte do País para material Agricola

Fábrica Fundada em 1895

REQUISITEM OS NOSSOS PRODUTOS

COMO

Arados, Prensas para vinho, Esmagadores, Guinchos, Lagaretas, Bombas para trasfega, Debulhadores, Tararas, Cortadeiras de palha, Prensas para azeite, Panelas, tachos, certãs, fogareiros, chaleiras, ferros de engomar, etc.

Façam o confronto dos nossos produtos com os da concorrencia

Quando precisem de comprar Teares para algodão, lã e sêda, consultem-nos

Fornecemos bons teares, robustos, leves, com ou sem maquinetas, trabalhando com chumaceiras de lubrificação por anel e aptos a tecer qualquer tecido de algodão, sêda ou lã.

TEARES DE BRAÇOS

Tear liso (Série A) até 1m,10 de pente. Tear de caixão (Série B) 4 e 6 lançadeiras até 1m,10 de pente.

TEARES DE ESPADA

Tear liso (Série C) para 1m,70 a 2m,20 de pente. Tear de caixão (Série D) 4 lançadeiras, para 1m,70 a 2m,20 de pente.

MAQUINETAS PARA OS NOSSOS TEARES

De 16 liços Simples Duplas de 20 liços Simples Duplas

OS PREÇOS E A QUALIDADE DOS PRODUTOS DA COMPANHIA CIF SÃO UMA GARANTIA PARA TODO E QUALQUER CLIENTE

Telefone 4173 PEÇAM TABELAS

MAQUINAS

DE FIAÇÃO DE ALGODÃO
» » DE JUTA, CANHAMO, ETC.
» TECELAGEM DE ALGODÃO, SEDA, LINHO, JUTA, ETC.
» TINTURARIA, BRANQUEAÇÃO E ACABAMENTOS
» PENTEAÇÃO, GAZEAÇÃO E MERCERIZAÇÃO
CANELEIRAS E BOBINADEIRAS «UNIVERSAL»
MOTORES A OLEO «RUSTON»

ACESSÓRIOS

CARBORUNDUM **EM MOZ, PEDRAS, REBOLOS, LIMAS, LIXAS, ETC.**

TACOS, TIRATACOS, VIAJANTES, CABO DE ALGODÃO, ETC.

CORREIAS { **DE COURO** / **DE BORRACHA «MACINLOP»** / **DE BALATA, PÊLO DE CAMELO, ETC.**

MOVIMEMTOS POR CORRENTE «RENOLD» **ECONOMIA DE ESPAÇO — SUPRESSÃO DE RESVALAMENTOS — TRANSMISSÃO POSITIVA COM CERCA DE 99 % DE EFICIENCIA.**

HARKER, SUMNER & C.ª

PORTO — Rua José Falcão, 223

14, Largo do Corpo Santo, 18 — LISBOA

H. Vaultier & C.ª

Casa Fundada em 1897 **Séde em LISBOA**

Filial no PORTO — Rua Mousinho da Silveira, 203

Filiais: LISBOA, PORTO, COVILHÃ, OLHÃO, ESTREMOZ, PONTA DELGADA

Agencias: MADEIRA, FAYAL, ANGOLA E CASABLANCA

250 depositários em todo o País

FÁBRICAS:

Puados — a única existente no País, montada com todos os aperfeiçoamentos e maquinismos mais modernos, onde se executa toda a espécie de puados.
Mangueiras — para serviço de incêndios.
Correias — para transmissão.
Tambores de madeira, etc.

Representantes: GOMES ALVES, MATOS & C.ª

Societé Pour L'Industrie Chimique à Bâle

(CIBA)

BASILEIA SUIÇA

Matérias Corantes para todas as Fibras

Produtos Quimicos e auxiliares

Representantes: E. BRUNNER & C.ª, L.DA

Rua Sá da Bandeira, 283-2.º — PORTO

Rua da Madalena, 128-1.º — LISBOA

Empresa Industrial de Santo Tirso

(FABRICA DO ARCO)

Fiação, Tecelagem e Acabamentos

TELE { FONE, 38
GRAMAS — EMPRÊSA

SANTO TIRSO

SALA & IRMÃO

GALERIA DE PARIS, 34-1.º

Telefone 1179

Representante de:

I. P. C. A.

Industria Piemontese Colori
Anilina — Torino Italia

Corantes de anilinas para todas as aplicações industriais

Produtos quimicos auxiliares e para acabamentos.

Fabbriche Formenti

CARATE BRIANZA — ITALIA

Todos os acessórios para fiação, tecelagem e tituraria em cartão comprimido e oxidado.

Traversoel

GENOVA — ITALIA

Cordas e patentadas «Bena» para o movimento dos fusos de fiação.

Carvão Inglez

Para Indústria, Cozinhas, Aquecimento, etc.

IMPORTADORES:

Kendall & C.ª, L.da

Rua Infante D. Henrique, 39

PORTO

TELEFONE, 8

Representantes em Guimarãis:

Gomes Alves, Matos & C.ª

A Poveira

Fábrica de Tecidos de Algodão

FAZEM-SE EXCLUSIVOS

POVOA DE VARZIM

Industriais textis — ATENÇÃO!!!

Aparelhos de tingir e estufas

OBERMAIER

Encarretadeiras e caneleiras

VOIGT

Máquinas de acabamento

MORITZ JAHR

para algodão, lã, seda artificial e natural, linho e outras fibras textis

Peçam orçamentos a:

João Manuel Lopes & C.ª, L.da

Galeria de Paris, 102-2.º

PORTO

H. VAULTIER & C.ª

Casa Fundada em 1897 — Séde em LISBOA

Filial no Porto — Rua Mousinho da Silveira, 203

Filiais: LISBOA, PORTO, COVILHÃ, OLHÃO, ESTREMOZ, PONTA DELGADA

Agencias: MADEIRA, FAYAL, ANGOLA E CASABLANCA

250 Depositários em todo o País

Borrachas, Correias, Amianto, Material de Incendios, Acessórios de moagem, Oleos de lubrificação da afamada marca «EAGLOIL» — de origem, absolutamente puros, para lubrificação de motores, maquinismos, etc., etc.

Representantes: GOMES ALVES, MATOS & C.ª

SNIA-VISCOSA S. A.

MILANO

Capital Liras: 350.000:000

FIOS DE SÊDA ARTIFICIAL

SNIAFIOCCO

Representantes gerais com depósito em Portugal

FIBRA COMERCIAL LUSITANA, L.DA

Avenida da Boavista, 1904—PÔRTO

TELEFONE, 4311 — Telegr.: ITALFIBRA—PÔRTO

Fundição de Ferro e Metais

F. BRINDLE & C.ª, L.DA

CASA FUNDADA EM 1900

Rua do Pinheiro Manso, 388 — PÔRTO

Telefone, 1560

CONSTRUIMOS:

Secção A — Engrenagem para automóveis abertas à plataforma para todos os tipos de dentes.
Secção B — Transmissões modernas, uniões de fricção.
Secção C — Concertos de máquinas a vapor.
Secção D — Especialidade em reparações de qualquer maquinismo.
Secção E — Tubagens fundidas em qualquer diâmetro e comprimento; tubos ailletes para aquecimento.
Secção F — Prensas hidráulicas para todas as aplicações; bombas centrífugas verticais e horizontais.
Secção G — Fabricação de teares para qualquer largura; lisos e de caixão, com as rodas do comando frezadas e as chumaceiras de apoio de lubrificação automática. Orgãos completos com pratos de chapa de aço macio estampados. Fabricação de quaisquer máquinas de tecelagem.

Instalações completas para fábricas de tecelagens.
Montagens executadas por pessoal habilitado.
Reparações de todas as máquinas de fiação e tecelagem.

Consultem a nossa casa.
Orçamentos e plantas gratuitos.

VISCOSA NACIONAL, L.da

Galeria de Paris, 34-1.°

TELEFONE 1179

Pôrto

Agente Exclusiva da

T. A. P.

Textil Artificial do Pôrto

Única Fábrica Portuguesa de

Fios de Sêda Artificial Viscosa

Fios correntes em vários deniers, torcidos e de fantasia para tecidos modernos

Preferir a INDUSTRIA PORTUGUESA é defender a ECONOMIA NACIONAL

Representantes em Guimarãis: Gomes Alves, Matos & C.ª